

Rodolfo Miguel de Figueiredo

Reflexões

Astrológicas

2022

Parte II





Rodolfo Miguel de Figueiredo

Astrólogo e Tarólogo. Dá consultas de astrologia e tarot há cerca vinte anos e faz consultadoria astrológica para empresas há mais de dez anos. Estudou Filosofia na Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, mas é como autodidacta que tem estudado áreas como o Estudo Comparado das Religiões, a Cultura Clássica, a Filosofia Antiga e o Esoterismo. Na astrologia, tem-se dedicado a especialidades como a Astrologia Antiga, a Astrologia Hermética e a Astrologia Mitológica, tendo orientado a sua investigação para a tradução e interpretação de textos astrológicos gregos e latinos.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)



Reflexões Astrológicas



LIVROS

Rodolfo Miguel de Figueiredo

rodolfomigueldefigueiredo@gmail.com

<https://rodolfomfigueiredo.wixsite.com/livros>

<https://rodolfomfigueiredo.wixsite.com/astrologia-e-tarot>

Título: Reflexões Astrológicas 2022: Parte II

Autor: Rodolfo Miguel de Figueiredo

Capa: Boucher, François, *O Sol Poente*, 1752. Londres: Wallace Collection.

Composição e paginação: RMdF

© Rodolfo Miguel de Figueiredo, Janeiro de 2023

Os textos apresentados neste livro digital foram publicados nos blogues e redes sociais do autor durante o segundo semestre de 2022, são portanto de acesso livre e gratuito. No entanto, os direitos de autor devem ser respeitados, logo nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem o consentimento do mesmo.

Rodolfo Miguel de Figueiredo

Reflexões
Astrológicas

2022

Parte II

Lisboa

2023

(Página deixada propositadamente em branco)

Índice

ÍNDICE	7
INTRODUÇÃO	9
REFLEXÕES ASTROLÓGICAS 2022: PARTE II	13
1 - Lua Nova: Leão	17
2 - Lua Nova: Virgem	27
3 - Estações: Equinócio do Outono	37
4 - Lua Nova: Balança	49
5 - Eclipse Solar Parcial: Lua Nova: Escorpião	55
6 - Eclipse Lunar Total: Lua Cheia Touro-Escorpião	69
7 - Lua Nova: Sagitário	81
8 - Estações: Solstício de Inverno	91
9 - Lua Nova: Capricórnio	101
CONSULTAS DE ASTROLOGIA E TAROT	111
LIVROS - RODOLFO MIGUEL DE FIGUEIREDO	115
PODCAST - A BOA DEUSA	119

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

Nas *Reflexões Astrológicas*, procura-se analisar anualmente alguns eventos astrológicos. O objectivo é examinar e explorar, de ano para ano, diferentes aspectos do sistema astrológico, de modo a apresentar uma compilação interpretativa o mais ampla possível. No ano de 2022, as *Reflexões Astrológicas* focam-se nos principais fenómenos astrológicos: as Luas Novas, os Eclipses e as Estações. Inclui-se também uma interpretação um pouco mais extensa dos eclipses que ocorrem em 2022.

Uma vez que os textos aqui reunidos foram publicados nos blogues do autor e nas redes sociais do autor, o livro electrónico é de distribuição livre e gratuita. As *Reflexões Astrológicas* para 2022 serão disponibilizadas em duas partes, correspondendo cada uma aos textos de um semestre. O livro impresso será comercializado a preço reduzido, de modo a tornar estas reflexões acessíveis.

A mensagem que se pretende passar tem essencialmente o intuito de demonstrar que a análise astrológica é plural como universo e não deve estar dependente de uma uniformidade interpretativa que, por sinal, tende a ser redutora e conduz a um esvaziamento dos conceitos. Os conceitos devem ser, desta forma, aprofundados de um modo diverso e a profundidade não pode sucumbir ao carácter líquido da linguagem actual.

Desta forma, a astrologia, que nestas reflexões se quer expressar, nasce sobretudo de uma premissa de liberdade e independência, ou seja, o seu autor não se pretende fixar em correntes, não quer seguir mestres, e muito menos ser ele próprio um, nem pretende papaguear um discurso astrológico vazio, repetitivo, e que promove apenas a bajulação. Estas reflexões valem por si e procuram apenas servir a beleza do pensar e a vontade de dignificar a astrologia.

A interpretação astrológica que aqui se apresenta sustenta-se nas vertentes que o autor elegeu como especialidades: a Astrologia Antiga, a Astrologia Hermética e a Astrologia Mitológica. Paralelamente, procura-se criar uma ponte entre a astrologia e a filosofia, visando o desenvolvimento de uma Filosofia da Astrologia e de uma Astrosófia, baseada na filosofia prática e nos exercícios espirituais, cujos pressupostos permitem uma estrutura conceptual de passagem entre estes e a leitura hermética da astrologia.

Em suma, ao longo dos vários capítulos, pretende-se conjugar a interpretação astrológica com uma leitura filosófica e espiritual, mas não subordinada às modas espirituais das últimas décadas. Dessa união, dessa exigência do pensar, pode nascer uma nova astrologia, uma astrologia refundada.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

Reflexões Astrológicas

(Página deixada propositadamente em branco)

2022

Parte II

(Página deixada propositadamente em branco)

1

Lua Nova



Lisboa, 18h54min, 28/07/2022

Sol - Lua

Decanato: Saturno

Termos: Júpiter

Monomoiria: Júpiter

Lua Nova: Leão

A Lua Nova de Agosto ocorre no signo de Leão, com Capricórnio a marcar a hora para o tema de Lisboa, e assim no Lugar da Morte (VIII), no decanato de Saturno, termos de Júpiter e na *monomoiria* de Júpiter. A sizígia dá-se, desta forma, acima do horizonte e a cerca de duas horas do pôr-do-sol. O Sol encontra-se favorecido por estar no seu próprio domicílio, bem como no seu Segmento de Luz (αἴρεσις), embora a caminho do Poente. Do Sol convém ressaltar-se primeiramente, face ao tema em análise, o caminho que se estabelecerá com o benéfico e o maléfico do seu segmento, pois a 31 de Julho estabelecerá um trígono com Júpiter e a 14 de Agosto, uma oposição com Saturno. A luz persiste no espaço e no tempo como dádiva e necessidade, ocultando e semeando, colhendo e ceifando.

O signo de Leão como domicílio do Sol, aquele que surge da casa da Mãe Divina, do útero do Divino Feminino e do signo da origem, Caranguejo, encerra em si uma forte conexão com a luz, com o fogo recém-nascido. É Hórus, nascido de sua mãe, da Grande Ísis. É o poder que, como trono da Terra, matrilinearmente se institui. Lembremo-nos do *thema mundi* e de como a Lua, no Ascendente do Universo (Caranguejo), amamentará o jovem Sol – tal como a Madonna e a criança –, em

Leão, no segundo lugar. Ora esse sentido profundo da luz inaugural, do Sol nascente leva, por exemplo, o filósofo estóico Cleantes de Assos a dizer que este, sendo “o maior dos astros” (τὸ μέγιστον τῶν ἄστρον), é “o princípio que governa o mundo”, ἡγεμονικόν (Ário Dídimos *phys.*, frag. 29.25-30 = SVF I.499a).

A ideia de Cleantes do Sol enquanto ἡγεμονικόν está em harmonia com Crisipo de Solos, embora este prefira o éter, quando afirma o seguinte: “Porque não existe nada mais perfeito que o universo, nada é melhor que a virtude. Desta forma, a virtude é própria do mundo” (Cícero, *Sobre a Natureza*, II, 14, 39 = SVF II, 641: Este autem mundo nihil perfectius, nihil virtute melius: ignitus mundi est própria virtus). A virtude que une a perfeição do universo e o próprio Sol não transmitem um regramento catequista, mas representam sim a excelência, a ἀρετή, uma finalidade que une no indivíduo a beleza e o bem, καλοκάγαθία, as bênçãos de Vénus e Júpiter, e que na sua acção traduz a nobreza da alma, a antítese da vaidade de Narciso.

Com os luminares no signo de Leão e para se expressar essa nobreza da alma, o reflexo no lago deve deixar de ser a sua imagem para se tornar a imagem de si. A individualidade conquista-se, transformando o “seu” em “si”, onde aquilo que nos define e dignifica passa do exterior para o interior, onde a luz habita – e a sombra também.

Existe, neste novilúnio, um potencial de luz, mas também de sombra, pois, na sua viagem diária, os luminares, recebendo da

morte a própria vida, estão caindo para a sua ocultação. O fim do horizonte já se vislumbra e existe um caminho celeste que se inicia em Mercúrio e termina no próprio Poente (δύσις). Nessa senda, Mercúrio em Leão surge como Estrela da Tarde, sob os raios solares e em posição posterior, enquanto Vénus em Caranguejo avança na dianteira para a Noite Anunciada. O feminino conduz-nos ao reino nocturno que se avizinha, trazendo consigo, como feixe de luz, o Amor da Origem.

Essa serpente de luz poente contrasta com o facto de não existir no tema da sizígia nenhuma luz que suba ou culmine. A cauda do Dragão da Lua é a que mais se aproxima do Ponto de Culminação (MC). O Destino sobe no céu, trazendo a imagem da morte ao espírito, e, no Bom Espírito (ἀγαθόν δαίμων), a destruição é interiorizada enquanto condição necessária não da acção humana, mas sim da ordem de valor que a Necessidade estabelece e que coloca, por consequência, sobre o colectivo (*Cauda Draconis* em Escorpião na XI).

O Dragão da Lua representa, deste modo, essa ponte, esse elemento de passagem, entre o Destino e a Necessidade. Não é portanto o passado por si só, é sim a integração do destino no tempo. Ora, na actual Lua Nova, a sizígia dos luminares encontra-se em posição quadrangular ao Dragão da Lua, revelando a dificuldade da luz, bem como nobreza da alma se expressarem acima dos ditames da Providência, sem assim os integrar ou revelar o seu propósito.

Mercúrio em Leão, seguindo atrás do Sol, adquire aqui um carácter feminino. Ele é Hermes Crióforo: o pastor astuto. A palavra brilha aqui enquanto potencial criativo, ela não é a argumentação e o discurso racional, mas a linguagem artística e cultural. Mercúrio tenta mostrar ao poder da luz (Sol e Lua) que a arte continua a transformar o mundo e que a nobreza daquilo que se faz pode também através dela ser alcançada. Naturalmente, uma Vénus em Caranguejo dignificada colabora com este Mercúrio feminino, promovendo os dons do Amor e do Harmonia e confirmando o sentido desse caminho descendente.

No entanto, Mercúrio e os luminares estão sob o olhar dos maléficos: Marte em Touro, com Úrano, em quadratura e Saturno em Aquário em oposição. Se tivermos em consideração a noite que se aproxima, Saturno ganha um papel, não pela intensidade do seu carácter maligno, pois, segundo o Segmento de Luz, é Marte que assume o papel de Grande Maléfico, mas sim pelo facto de este ser denominado de “*Sol da Noite*”.

Este conceito remonta à astrologia babilónica, nomeadamente a um período pré-aqueménida, e resulta de uma certa identificação de Saturno com o deus Samas, uma divindade que reúne aspectos solares e saturninos. Apesar de esta ser uma atribuição que ainda hoje intriga os académicos, o seu valor astrológico é facilmente compreensível, em especial, se Saturno (Aquário) e o Sol (Leão) se olharem de frente (diâmetro ou oposição), repetindo o sentido radical do *thema mundi* e o

significado oculto dos mistérios de Mitra.

Se Saturno traz ao tema do novilúnio o valor da Necessidade sobre o viver, a justiça do tempo sobre a vida humana, com uma expressão que é mais didática que punitiva, Marte surge com uma solidez bélica e a destruição enraíza-se nas profundezas da terra e da nossa realidade, destruindo os velhos valores e deixando queimado o solo onde os novos podem nascer. A cinza fertiliza não o tempo do humano, mas sim a natureza que, de uma forma ou de outra, encontra sempre caminho. A união de Marte e Úrano em Touro cria assim uma revolução disruptiva na abundância criadora da V, da Boa Fortuna (ἀγαθή τύχη). O tesouro da cornucópia, do corno de Amalteia, pode então passar despercebido e ser ignorado, pois olhar fixa-se nas velhas riquezas, na ostentação.

O belicoso deus itifálico e o celeste deus eunuco da *natura naturata* colidem com a deusa Gaia da *natura naturans* e, a partir desse choque, lançam os seus raios contra os luminares e Mercúrio. O essencial da vida e do viver sofre, desta forma, uma reavaliação e os novos valores nascem das novas prioridades, despidas de vaidades e reduzidas às necessidades primordiais. Marte e Saturno unem-se, porém, quadrangularmente e Marte, o Grande Maléfico deste novilúnio, tende a atacar, como se fosse uma pilhagem, aquilo que consiste no mínimo da dignidade humana. A crise para muitos é sempre o enriquecimento de alguns e essa é uma roda que ainda não conseguimos destruir, pois, seguindo o engano da

espuma dos dias, preferimos ignorar essa roda e permitir que persistem modelos de desigualdade.

Por outro lado, os benéficos distribuem a sua dádiva. Júpiter, o Grande Benéfico deste novilúnio, prestes a iniciar a sua retrogradação, promovendo uma integração da fé e do bem numa futura exteriorização da justiça e da compaixão (retorno a Peixes e reingresso em Carneiro). Essa bênção surge no trígono de Júpiter em Carneiro aos luminares e a Mercúrio em Leão como a potência do fogo puro que se quer efectivar, da luz que transforma o mundo.

O sextil de Júpiter e Saturno contribui para atenuar do peso da Retribuição, visto que o benéfico do Segmento de Luz atenua o carácter maligno do maléfico do mesmo segmento. Porém, a Justiça quer ser uma força em acto e tornar-se determinante para o progresso da humanidade. A dignidade humana terá de ser uma luz no tempo.

Vénus em Caranguejo, por seu lado, exacerba a Mãe do Mundo que chega, qual Afrodite Cipriota, à costa, às margens da terra (sextil a Marte e a Úrano em Touro), lembrando que a Terra se renova pelo Feminino e que a destruição, se o humano o permitir, trará do útero de Gaia o seu renascimento. No entanto, os benéficos encontram-se em quadratura e, embora Petosíris diga que uma quadratura entre os benéficos perde a sua tensão quadrangular, existe uma aqui uma desarmonia entre a dádiva do Pai e a dádiva da Mãe, ou seja, a acção perde o potencial de origem,

a Vontade desliga-se da Sabedoria. Esta é, porém, uma tensão criadora que alimentará, no futuro, a reunião na Câmara Nupcial, reafirmando a harmonia dos opostos e o nascimento do Filho/Filha.

A partir do Leme da Vida (I), o Senhor da Morte (Plutão em Capricórnio) lança o seu olhar sobre Marte em Tour (trígono), fazendo da luta e da morte uma parte da linha que o destino tece e que conduz naturalmente à transformação. Essa verdade tão difícil de aceitar traduz-se na tensão entre Plutão e os benéficos (oposição a Vénus e quadratura a Júpiter).

A dádiva dos Elísios, diferente da lição do Tártaro, é difícil de alcançar, pois segundo os antigos está reservada a poetas, sacerdotes, heróis e deuses, o que implica ver a vida com outros olhos, daí o choque entre Plutão e os benéficos.

Existe, porém, uma outra bênção: o trígono entre Vénus em Caranguejo e Neptuno em Peixes. O desejo de cuidar e o amor ao próximo podem contribuir para a presença da luz no mundo, para a sизígia dos luminares em Leão. Nesta Lua Nova, a nobreza da alma, mais do nunca, é a luz que guia a humanidade.

(Página deixada propositadamente em branco)

2

Lua Nova



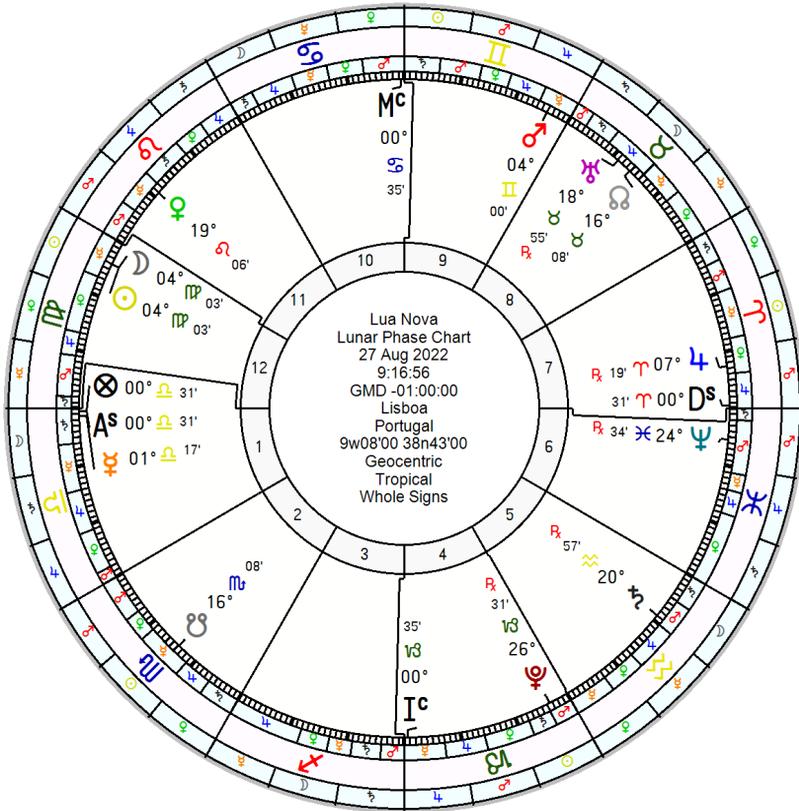
Lisboa, 09h17min, 27/08/2022

Sol - Lua

Decanato: Sol

Termos: Mercúrio

Monomoiria: Marte



Lua Nova: Virgem

A Lua Nova de Agosto ocorre no signo de Virgem, com Balança a marcar a hora para o tema de Lisboa, e assim na XII, no Lugar do Mau Espírito (κακός δαίμων), no decanato de Sol, termos de Mercúrio e na *monomoiria* de Marte. A sizígia dá-se, desta forma, acima do horizonte e cerca de duas horas após o nascer-do-sol. O Sol encontra-se favorecido por estar no seu próprio segmento de luz (αἴρεισις) e no seu decanato, embora num lugar cadente, já a Lua colhe as bênçãos de estar num signo feminino.

Este é o novilúnio que marca o fim da primeira metade do ano astrológico e que coloca a Deusa como a égide reinante do tempo passado e do tempo futuro, do tempo em que se semeia e do tempo em que se colhe. É a Roda da Necessidade. A sizígia dos luminares em Virgem indica, deste modo, a luz da abundância, o fruto que alimentará no Inverno (Hemisfério Norte) ou a semente que amadurecerá no Verão (Hemisfério Sul). Esta a Deusa cuja cornucópia encontraremos em Capricórnio, traçando um caminho que une os signos de Terra, um caminho que une a Natureza, a Deusa e a Abundância.

Na *Tábua de Esmeralda*, diz-se que “*Todas as coisas nasceram de uma. O seu pai é o Sol e a sua mãe é a Lua.*” (traduzido a partir da versão de Jabir ibn Hayyan). Esse é o sentido profundo da sizígia dos luminares

numa lua nova, ou seja, o Sol e a Lua representam os elementos criadores primordiais, a luz que cria o mundo, tornando o divino, por este meio, pai e mãe. E essa luz representa o que nasce na Câmara Nupcial e que se oculta nos seus mistérios. É a génese da realidade.

Numa Lua Nova em Virgem, este valor radical assume, por um outro lado, um carácter de justa-medida, de proporção, mas também, por outro lado, de processo, de racionalidade do caminho. Manílio, na *Astronomica*, atribui a Virgem a deusa Ceres (II, 442: *spicifera est Virgo Cereris*). Ora Ceres, ou a Deméter grega, representam os frutos da terra, aqueles que só podem ser oferecidos se Perséfone regressar do submundo, do abraço de Hades.

A associação a Deméter (Ceres) está intimamente relacionada com a atribuição de Astreia ou *Diké* (Justiça) a esta constelação. Esta é uma atribuição que pode causar estranheza ao leitor ou ao astrólogo contemporâneo que desconheça a história antiga das constelações zodiacais (cf. *Fragmentos Astrológicos*, 2021: 143-6). Balança é o mais recente dos signos e que originalmente era designado de *Garras/Piças de Escorpião* (*χηλαί*), pertencendo pois ao *Grande Escorpião* (Balança + Escorpião), aquele envenenou Órion. Gémino, matemático e astrónomo do século I AEC, terá sido o primeiro a usar a designação *ζυγός*, que chegará a nós como a Balança. Podemos, no entanto, encontrar também esta mudança na astrologia babilónica, embora sempre em textos posteriores à

criação do Zodíaco por volta do século V AEC. Ora este facto está na génese da atribuição do princípio da Justiça a Virgem e da sua busca a Balança, o que é facilmente perceptível tanto pelas regências domiciliares (Mercúrio indica o razão da justiça e Vénus o desejo de justiça) como pelas suas exaltações (Mercúrio indica o intelecto que permeia o mundo e Saturno o tempo da justiça e da necessidade).

Astreia ou *Dikê* – e, na verdade, também Deméter – trazem consigo, na riqueza dos seus mitos, um certo elemento de negação, de ausência. Hesíodo, em *Os Trabalhos e os Dias*, conta-nos o seguinte: “*E ela segue-os, chorando pela cidade e pelas moradas dos povos, / vestida da névoa, trazendo desventura aos homens que a baniram e a não distribuem com rectidão*” (222-4 / trad. A. Elias Pinheiro & J. Ribeiro Ferreira. 2005: 100. Lisboa: INCM). Esta é a mesma negação que encontramos também em *Sophia*, a Sabedoria (cf. com a Lição IV do meu romance *A Casa da Torre Velha*. 2022: 203-8), e que pode ser lida, por exemplo, no texto gnóstico *O Trovão: Intelecto Perfeito*, quando afirma: “*Eu sou a que foi odiada e amada em todas as partes. Sou aquela a que chamam Vida e chamaste Morte, a que chamam Lei e chamaste falta de Lei, a que haveis perseguido e haveis capturado, a que haveis dispersado e haveis reunido*” (16.10-20, ed. Piñero, Torrents & Bazán, *Biblioteca de Nag Hammadi I*, 459. 2005: Ésquilo).

Este interlúdio explica, para o tema de Lisboa, mas também para todos os locais e pessoas, como o agrilhoamento da Justiça, da sua luz, agora no lugar do Mau Espírito, revela o mal-estar da humanidade. Balança a marcar a hora revela também esse desejo,

essa pulsão, de justiça, de harmonia, mas também a sua dificuldade, a sua inacessibilidade. Os luminares ocultam-se nessa pós-ascensão de névoa cingida, conduzindo para as brumas a Deusa, o Divino Feminino. Esse é um caminho de rejeição que avançará até ao termo do círculo zodiacal em Peixes e que aí contemplará o seu retorno ou se dispersará.

No novilúnio, a quadratura dos luminares a Marte, bem como a oposição a Neptuno, embora com menor intensidade, uma vez que Marte, face ao Segmento de Luz, é o grande maléfico, mostra a dificuldade desta mensagem ser compreendida. A Deusa Astreia continua a ser rejeitada e os seus dons são preteridos, pois a poeira inebriante das vaidades e da ignorância permanece como a grande companheira da humanidade. A quadratura natural entre Virgem e Gémeos (os domicílios nocturno e diurno de Mercúrio) é reforçada por este aspecto. O grande maléfico, durante a sua longa estadia em Gémeos (20/08/20022 a 25/03/2023), será particularmente nocivo para à ordem mundial, sobretudo para a paz, para a justiça e para a solidariedade. A actual quadratura deste aos luminares em Virgem e a Neptuno em Peixes alerta para este facto.

Por outro lado, o trígono da sizígia a Plutão em Capricórnio e a Úrano e à *Caput Draconis* em Touro assume uma matriz estruturante e um governo da Necessidade na transformação do planeta e das criações humanas. Esse aspecto está intimamente relacionado com Marte e com a sua relação com Saturno, o outro

maléfico. Não se pense que a passagem de uma quadratura para um trígono amenizará as tensões mundiais, pois entre os maléficos os aspectos são sempre disruptivos. Petosíris, já no século I-II AEC, alertava-nos para este facto.

No caso do trígono, o destino firmará de forma inevitável os seus ditames. Em Hiroshima e Nagasaki, Marte uniu-se a Úrano em Gémeos, onde as bombas atómicas foram efectivamente lançadas. Na Crise dos Mísseis em Cuba, Marte em Leão opôs-se a Saturno em Aquário, com o poder e o seu abuso a exercer a sua força. Este não é anúncio alarmista, mas o nuclear não saiu da agenda, e as tensões e a guerra, não só na Ucrânia, pois existe mais mundo, continuarão a exercer uma pressão imensa sobre a humanidade.

De uma outra forma, Marte em Gémeos une-se em sextil a Júpiter em Carneiro, que, por sua vez, se une também em sextil a Saturno em Aquário. O Senhor Espaço, do Bem e da Justiça, como fogo sempre vivo, está colocado entre os braços de Ar dos maléficos. A liberdade exige sempre uma escolha e essa é acima de tudo entre o bem e o mal, entre a sabedoria e a ignorância. O ar pode alimentar, se contido, nomeadamente pela terra e pela água, o fogo de Héstia ou sozinho pode tornar o fogo num incêndio e conflagrar o mundo.

No novilúnio de Virgem, é necessário prestar sempre atenção àquele que nela encontra o seu domicílio e exaltação. Ora é a partir de Mercúrio em Balança que se estabelece um caminho

ascendente que se estende de um Hermes Psicopompo (Estrela da Tarde, posição posterior ao Sol) até ao Ponto de Culminação (MC) em Caranguejo, tendo como timoneiro uma *Venus Lucifera* (Estrela da Manhã), uma Vénus em Leão e que também é, na verdade, um sextil entre Mercúrio e Vénus. Desta via eleita, extrai-se um sentido profundo que indica o modo como a razão reconhece a singularidade da vida e de como a harmonia é a razão que permeia o mundo. O divino feminino é aqui, nesta senda de sentido, a rainha do céu.

O trígono de Mercúrio ora a Marte, ora a Saturno, coloca a razão e a palavra numa posição semelhante à de Júpiter, com o qual está em oposição. O pensamento e o discurso estão sobre uma enorme pressão que tanto pode produzir esforços negociais, como no caso da ONU e do seu secretário-geral, ou pode acentuar as posições nacionais, com frequência propagandistas e nacionalistas. A quadratura de Mercúrio a Plutão traduz também a forma como a palavra pode produzir a morte ou de como o irracional pode ser a fonte da transformação, mesmo que de forma destrutiva.

Vénus em Leão representa um binómio que indica a nobreza como bela e a beleza como nobre. Este é o desejo régio de ser e criar, de fazer do espanto um entusiasmo criador. Porém, é também a apoteose da vaidade. Neste novilúnio, o trígono de Vénus a Júpiter, o grande benéfico, irá expandir a dádiva do fogo, da acção que cria e da nobreza que eleva. Júpiter, porém, está junto ao Poente, anunciando uma certa ocultação da dádiva e, por outro

lado, o sextil de Vénus a Marte, bem como a oposição a Saturno, revelam também uma tensão sobre essa mesma dádiva e sobre tudo aquilo eleva a alma e o espírito.

A relação de Vénus e de Saturno será particularmente expressiva neste novilúnio, uma vez que se unem quadrangularmente tanto a Úrano como ao corpo do Dragão da Lua. Esta é uma associação ancestral, pois estes são os deuses pré-olímpicos, anteriores à ascensão de Júpiter e à hegemonia do masculino, de Júpiter e Atena. No entanto, existe nessa associação um carácter disruptivo, uma crise de valor e a mesma negação da Justiça primordial atribuída ao signo de Virgem. A humanidade, no seu abismo, cisma em não olhar para cima.

Em suma, a Lua Nova em Virgem leva a luz aos frutos da terra, tornando a natureza criadora, mas acentua também o intelecto que permeia o universo e o governo discreto da Justiça e da Harmonia.

(Página deixada propositadamente em branco)

3

Equinócio de Outono



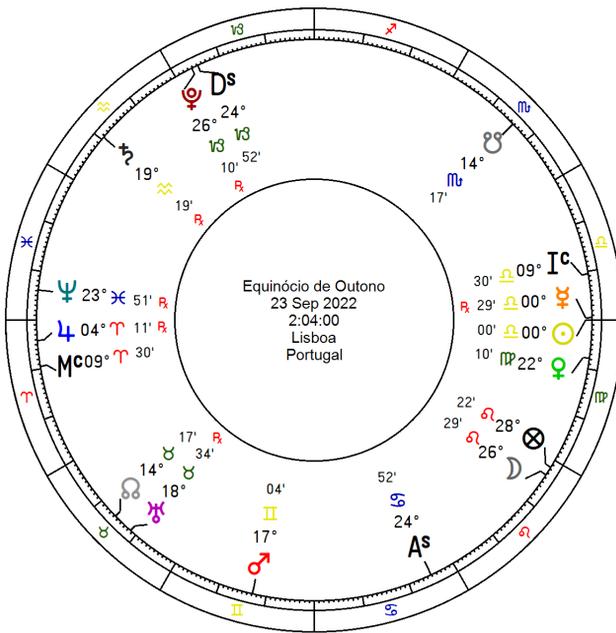
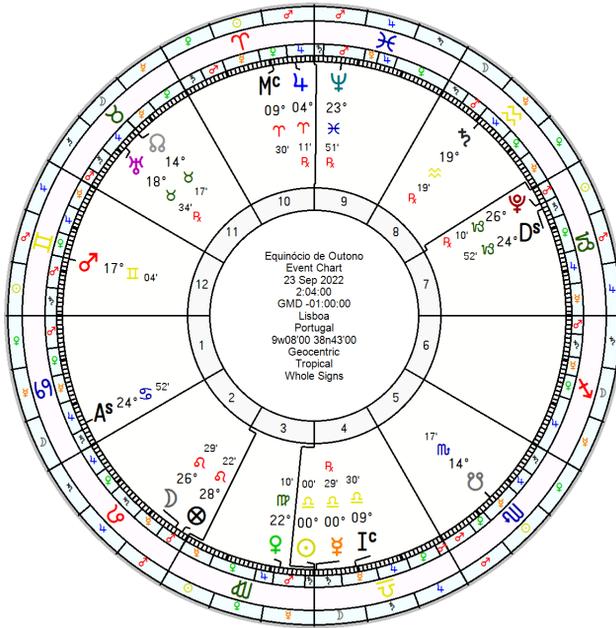
Lisboa, 02h04min, 23/09/2022

Sol

Decanato: Lua

Termos: Saturno

Monomoiria: Vénus



Equinócio do Outono

Se o Equinócio da Primavera é, por excelência, um tempo de iniciação, o Equinócio de Outono indica então um tempo de repouso. A colheita iniciada em Agosto, no Lughnasadh ou Lammas da tradição pagã, mas cujo potencial teve origem no Solstício de Verão, começa agora a chegar ao seu termo. É a segunda e última colheita. Naturalmente, para o Hemisfério Sul, a interpretação é a inversa e poderá ser encontrada na reflexão acerca da Primavera. No entanto, o sentido de tempo após a colheita é universal seja qual for o período anual em que se fixa. Este é o tempo em que o grão se torna pão. É o tempo em que a vinha se torna vinho. A Mãe-Terra entrega assim ao Filho-Luz o seu último alimento.

Os equinócios representam o equilíbrio, a harmonia. O dia e a noite estão ao mesmo nível. Porém, no fluxo anual existe uma continuidade e tudo segue o seu curso. O Sol prepara-se para a sua morte e a escuridão aproxima-se. As festas de São Miguel Arcanjo celebram-se uma semana após o equinócio: a 29 de Setembro. Ora o Arcanjo Miguel e o Portador da Luz (Lúcifer) são, na verdade, os guardiões da luz, deste equilíbrio equinocial. E, neste caso, estão ambos nos pórticos da luz, esperando pelo Inverno, pelas trevas e pela morte. O Sol extinguir-se-á para que um novo Sol possa

renascer. A fénix voa morrente sobre nós.

De um ponto de vista astrológico, esta tensão do equilíbrio é expressa pelo eixo Carneiro-Balança, pelo olhar de frente (oposição) entre Marte e Vénus, os domicílios diurnos destes signos. Curiosamente, o senhor do destino e da necessidade, o Dragão da Lua estende agora o seu corpo pelos domicílios nocturnos destes planetas (Escorpião-Touro). Com base na referência anterior, e de forma mais masculinizada, ou seja, por temor do feminino, estes são também o Arcanjo Miguel (Marte) e Lúcifer (Vénus). Ora este choque da polaridade, criando a harmonia ou a tensão, faz dos equinócios um momento de stress, de pressão psíquica. O medo da ausência da luz paira sobre o mundo e sobre o humano. A energia, fervilhando, trespassa, deste modo, tudo e todos na esperança de harmonia, de equilíbrio.

Jung diz-nos, no *Livro Vermelho*, que “o diabo é a soma da escuridão da natureza humana. Aquele que vive na luz luta para ser a imagem de Deus; aquele que vive na escuridão luta para ser a imagem do diabo.” (*The Red Book* 2009: 322 [H1 176]. Ed. S. Shamdasani. Nova Iorque/Londres: Philemon Series, W. W. Norton & Company. A tradução é da minha responsabilidade). Existe no Equinócio de Outono, nos meses que o cercam, esta tensão entre a escuridão e a luz, entre as imagens de Deus e do Diabo e esta angústia da identidade, em si e no outro, torna-se predominantemente interna. A sua expressão externa, ou mundana, resulta do imperativo do repouso, do olhar que se fixa sobre si. Nas profundezas e nas alturas da luz e da escuridão,

aquele viaja pode alcançar o olhar do abismo e o olhar da montanha e, em comunidade, como viajante renascido, transformar o mundo.

O Outono traz consigo a espera da folha caída, o tempo intermédio, entre mundos, de guardar, contemplando, o grão e o pão. Esse é naturalmente um esforço interno que, por vezes, sai astrológicamente reforçado. É o caso destes meses de Outono (ou de Primavera para o Hemisfério Sul, neste caso, como iniciação). Neste período, o movimento planetário centrar-se-á na passagem de retrógrado a directo ou do seu inverso.

Mercúrio, que se encontra retrógrado, ficará directo no dia 2 de Outubro. Já Marte iniciará a estação em movimento directo, mas, no dia 30 de Outubro, passará a retrógrado. Esta retrogradação estender-se-á até 12 de Janeiro de 2023, já em pleno Inverno, permanecendo, porém no mesmo signo, em Gémeos. Como sentido profundo, a acção tornar-se-á potência e o carácter, potencialidade.

Júpiter começa retrógrado, assim ficando até 23 de Novembro, e, no dia 28 de Outubro, sairá de Carneiro, permanecendo em Peixes até ao dia 20 de Dezembro (véspera do Solstício de Inverno). A justiça e o bem expandir-se-ão entre a acção e a totalidade. Saturno deixará a sua retrogradação no dia 23 de Outubro, tornando a consciência do tempo numa aceitação da necessidade.

Quanto aos planetas transaturninos ou transpessoais, Úrano

e Neptuno mantêm a retrogradação, respectivamente em Touro e Peixes, enquanto Plutão em Capricórnio passará a directo no dia 8 de Outubro. Ora este caminho de avanço real e do recuo aparente será particularmente intenso na estação que agora se inicia. Saturno e Plutão são aqueles que, de forma mais célere, irão escapar a esse processo interno de retorno a si mesmo, fazendo da sua acção um processo efectivo e que exteriormente se concretiza.

A partir do outro, da apreensão da dualidade (Balança), o eu (Carneiro) já não regressará ao próprio eu, terá de integrar e expressar o si. Esse esforço, essa tensão, firmar-se-á entre a Luz e a Sombra, entre o olhar de Marte e o olhar de Vénus. No entanto, a Necessidade (Saturno) e a Morte (Plutão) tendem agora, por força da acção directa, a criar as suas raízes, trazendo os frutos da sua obra aos tempos de escuridão que se avizinhavam. A escuridão não deve, todavia, alimentar o temor, deve sim servir de sentido profundo, pois só na noite escura é que a candeia da alma se erguerá.

Nas *Máximas de Delfos*, encontramos dois aforismos que marcam este processo de transformação: *πρόνοιαν τίμα* (*Honra a providência*) e *ἄρχε σεαυτοῦ* (*Governa-te a ti próprio*). Ora a aceitação do destino e o governo de si mesmo actuam como ponte, sobretudo no tempo de repouso, para a passagem da escuridão à luz. Existe um aspecto astrológico que marca o equinócio e que confirma a mensagem destas máximas. O Sol e Mercúrio em Balança unem-se triangularmente a Marte em Gémeos e a Saturno

Retrógrado em Aquário.

Um trígono com os dois maléficos, já diziam os antigos, tem um sempre um efeito maligno, apesar de ser um trígono, contudo, pelo modo como um triângulo reúne em si a força da necessidade, a Providência faz do mal e da destruição uma condição de potencialidade, ou seja, só depois da queda existe ascensão e é do abismo que desejamos o cume. No entanto, por ocorrer no elemento Ar, coloca um peso, uma gravidade, nas ideias e na comunicação. A intolerância, por vezes violenta, pode destruturar a paz social e acentuar as assimetrias e as desigualdades sociais. Existe palavras que destroem e essa será uma experiência nos próximos meses.

De um outro modo, a dupla quadratura de Marte em Gémeos a Vénus em Virgem e a Neptuno em Peixes que, desta forma, se opõem, assume também um carácter estruturante e dinâmico. Marte lança um olhar quadrangular a Vénus e à sua oitava sobre um eixo (Virgem-Peixes) que rege, por excelência, o serviço à humanidade e à divindade. O cuidar da parte e do todo, a solidariedade com elemento civilizacional, sofre aqui uma enorme ameaça, pois a palavra como forma de manipulação e propaganda, isto é, como arma, não de luta social, mas de imposição de narrativas, será agora particularmente nociva.

Paralelamente, encontramos um triângulo no elemento Terra que reúne Úrano e a *Caput Draconis* em Touro, Vénus em Virgem e Plutão em Capricórnio. Existe aqui, como também é próprio de

um equinócio, uma necessidade de integração da dádiva, ou seja, é imperativo que se colham as graças da abundância, da Mãe-Terra. Porém, Úrano e Plutão podem, ou melhor dizendo, exigem, que novas formas de receber essas dádivas sejam criadas e, para que isso aconteça, as velhas formas de lidar com a riqueza, com os bens de primeira necessidade, com tudo aquilo que se recebe e produz a partir da Mãe-Terra vão ter de morrer, de ser destruídas. Na verdade, essa é também a mensagem do Dragão da Lua sobre o eixo Escorpião-Touro. Só existirá um novo modo de viver quando os velhos valores sucumbirem. A vida nascerá assim da morte.

Dada a proximidade temporal da Lua Nova (dia 25), deixarei algumas das posições e aspectos para essa reflexão. Porém, a posição da Lua merece ainda a nossa atenção. A Lua encontra-se em Leão, no domicílio do Sol, com quem se une, juntamente com Mercúrio, em sextil. Lança igualmente raios hexagonais para Marte em Gémeos e triangulares para Júpiter em Carneiro, olha de frente (oposição) para Saturno em Aquário e estabelece uma tensão quadrangular com Úrano e o Dragão da Lua. Esta posição relativa da Lua coloca a nobreza da alma, a sua expressão biológica e emocional, bem como o carácter, sobre os laços da liberdade e os nós do destino. Estão colocados pois, nos passos da humanidade, os sinais que firmam a sua vida e determinam a evolução da alma.

Neste Equinócio de Outono, ao seguirmos o repouso após a colheita, relembramos a lição de que é no silêncio que repousa a sabedoria e, perante as sombras, os sábios não choram, rejubilam.

O Divino Feminino, a Sagrada Sabedoria e a Deusa, tal como em Elêusis, esperam por nós com a semente do nosso futuro e essa é dádiva da esperança.

(Página deixada propositadamente em branco)

4

Lua Nova



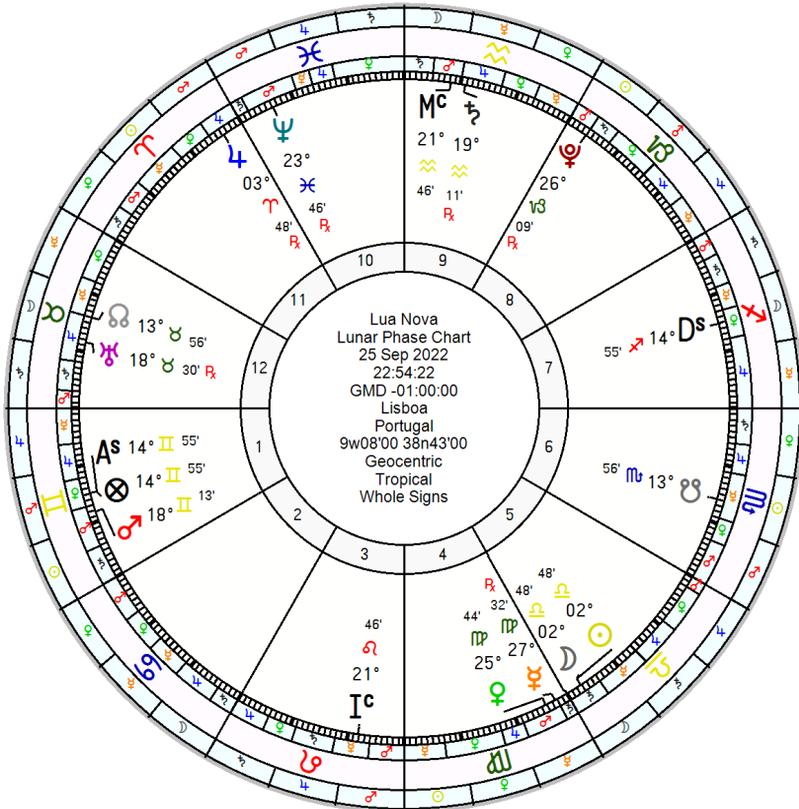
Lisboa, 22h54min, 25/09/2022

Sol - Lua

Decanato: Lua

Termos: Saturno

Monomoiria: Lua



Lua Nova: Balança

A Lua Nova de Setembro ocorre no signo de Balança, com Gémeos a marcar a hora para o tema de Lisboa, com a Marte co-presente no Leme da Vida (I), e assim na V, no Lugar do Boa Fortuna (ἀγαθή τύχη), no decanato da Lua, termos de Saturno e na *monomoiria* da Lua. A sizígia dá-se, desta forma, abaixo do horizonte e cerca de três horas e meia após o pôr-do-sol. O Sol encontra-se desfavorecido por estar fora do seu próprio segmento de luz (αἴρσεις) e no decanato da Lua, já a Lua colhe as bênçãos da noite, embora esteja no signo masculino. As qualidades lunares estão assim acentuadas neste novilúnio.

Na Lua Nova de Virgem, abordámos a atribuição do princípio da Justiça a Virgem e da sua busca a Balança, ou seja, o primeiro é o templo da Deusa da Astreia e o segundo o modo de lá chegar. Existe, neste signo, um carácter de busca, de demanda, o que torna compreensível que seja designado como o lugar do outro. Existe, neste signo, o fundamento de uma alteridade radical que se efectivar, ou seja, este não é o lugar onde o eu e o outro se unem numa totalidade, sob a graça, por exemplo, da compaixão, este é sim o lugar onde a passagem para o outro se apresenta no caminho, sem que para isso seja atravessada. Esta é uma proposta, uma sugestão de harmonia e completude. Porém, sendo este o

domicílio diurno de Vénus, um planeta nocturno, o princípio do desejo pode impedir a travessia.

Epitecto, nas *Diatribes*, revela-nos essa dificuldade de ser o eu no outro e o outro em nós, isto é, como ser diferente e semelhante ao mesmo tempo: “*É-te preciso reflectir como não ser dissemelhante dos outros seres humanos, do mesmo modo que uma linba não deseja possuir nada de singular em relação às outras linbas. Mas eu desejo ser a linba púrpura, aquela pequena e brilhante, causa das demais se mostrarem graciosas e belas.*” (I.2, 17-18, trad. Dinucci, 54-5. Coimbra, 2020: IUC). O filósofo estóico adverte que, apesar de se ser semelhante, pode-se ser aquilo que, em comunhão, leva o melhor aos outros, tornando-nos todos essa imagem de excelência. O semelhante pode atrair o semelhante, mas convém que a semelhança que une seja a luz e não a sombra, a virtude e não o vício.

Um novilúnio em Balança coloca, desta forma, a luz numa ponte de harmonia entre a unidade na diferença e a partilha do comum. Devemos, porém, colocar a pergunta do porquê de ser tão raro encontrar o valor da abnegação neste signo. A razão prende-se ao facto de que, quando se observa uma estrutura axial entre o eu e o outro, o efeito espelho torna-se mais expressivo, ou seja, o eu que quer chegar ao outro leva consigo as tendências narcísicas de uma impossibilidade de ser o eu no outro sem o próprio eu se tornar o si. Sem o processo de ensimesmamento, o eu não se consegue colocar no lugar do outro e essa é também a razão astrológica de Balança ser o primeiro signo da segunda parte do

caminho zodiacal.

Dante, nos primeiros versos da *Divina Comédia*, diz-nos isso mesmo: “*No meio do caminho em nossa vida, / eu me encontrei por uma selva escura / porque a direita via era perdida.*” (Inferno, I, 1-3, trad. V. Graça Moura. Venda Nova, 2000: Bertrand Editora). Ora se associarmos os versos do Fiorentino ao caminho zodiacal, percebemos que, depois de Virgem, depois de Beatriz, o caminho sem o outro está perdido. Balança encontra-se nessa *selva escura*, porque, sem a amada, a via direita, até Peixes, até ao cume do céu, está perdida. Dante precisa, para recuperar o caminho perdido e avançar pelo Inferno e pelo Purgatório até ao Paraíso, do “*amor que move o céu e as mais estrelas*” (Paraíso, XXXIII, 145) e esse é o amor da totalidade que encontrará quando chegar a Peixes (exaltação de Vénus) e então renascerá, como um novo humano, de novo, em Carneiro.

Neste novilúnio, por a sizígia se encontrar, para o tema de Lisboa, abaixo do horizonte, a luz ganha uma dimensão obscura e esta proposta de harmonia e concórdia torna-se mais difícil. No entanto, por se encontrar no lugar da Boa Fortuna (V), o Corno de Amalteia verte sobre a luz a dádiva da Fortuna. O destino opera na luz, na luz oculta sob o horizonte, esse potencial de graça.

No entanto, por ser uma luz que não se vê, uma candeia escondida sob o manto do sábio, as obras do destino tendem a escapar à espuma dos dias. E, como já observámos na reflexão do Equinócio de Outono, o trígono de Ar que une a sizígia dos luminares em Balança a Saturno Retrógrado em Aquário e a Marte

em Gémeos coloca, agora com a luz do Pai e da Mãe reunidas, o peso dos maléficos e a gravidade da destruição sobre o númen da realidade, sobre o seu potencial.

Esta dinâmica estruturante do elemento Ar, embora disruptiva, concilia-se, de um modo que transforma pela destruição, com a oposição da sizígia a Júpiter em Carneiro e com a quadratura deste a Plutão em Capricórnio. A luz e a harmonia, o espaço e a justiça e a morte e a transformação reúnem, num sentido profundo, uma destruturação da realidade que conhecemos e que precisamos de mudar, fixando sobre ela uma nova representação.

Lembremo-nos, porém, do braço da cruz que se encontra vazio, pois é nele que se firma a parte significativa do que falta estruturar. Caranguejo, o signo da origem, converge estas relações diametrais e angulares na Grande Mãe, no Divino Feminino. Neste caso, a sua restauração sobre a realidade espiritual nasce da angústia da ausência e da urgência do renascimento. A verdade levanta o seu véu com uma afinidade electiva da origem.

No submundo, naquilo que não se véu, estabelece-se, por outro lado, um caminho que vai da *Cauda Draconis* até ao Ponto Subterrâneo (IC) e nessa serpente ctónica estende-se a luz da sizígia em Balança e, como porta-estandartes da aurora esperada, Mercúrio e Vénus em Virgem. Estes são agora o vértice fundamental do outro trígono estruturante. No elemento Terra, unem-se Mercúrio e Vénus em Balança, Úrano e a *Caput Draconis*

em Touro e Plutão em Capricórnio.

Este é o triângulo que reforma as estruturas de valor, que revela o pior das obras humanas e que conduz, sob a égide do Destino, ao desapego e à importância do essencial, lembrando que nada está adquirido e que o direito a uma vida digna continua a ser algo pelo qual temos de lutar. A quadratura de Saturno em Aquário, o grande maléfico do tema, a Úrano em Touro e ao Dragão da Lua (eixo Escorpião-Touro) serve assim de aviso para o peso da Necessidade sobre as estruturas humanas de valor. Algo que é compensado pelo sextil de Saturno em Aquário a Carneiro em Júpiter. A retrogradação de ambos torna a liberdade reflexiva e potencia a possibilidade de servir a verdade e a necessidade, a justiça e o tempo. O sextil de Júpiter e Marte pode trazer também o impulso da justiça e a força da verdade.

De uma outra forma, a Palavra (Mercúrio) e o Amor (Vénus, o grande benéfico) assumem-se como baluartes da Deusa Astreia (Virgem) que é violentamente renegada em pensamentos e discursos (quadratura de Marte em Gémeos) e numa total ausência de solidariedade e compaixão (oposição de Neptuno em Peixes). A Justiça – ou a Sabedoria – continua a caminhar pelo mundo, mas não é vista, e quando é reconhecida, é rejeitada e vilipendiada, insultada e violentada.

Neste novilúnio em Balança, esta é a Harmonia da Verdade que os egos, cheios do seu próprio reflexo e crentes naquilo que julgam conhecer, cismam em negar, como Pedro negando Jesus,

sobretudo porque o medo habita os seus corações. Aqueles que rejeitam a Sabedoria temem que, ao reconhecê-la, se tornem eles próprios desconhecidos. É o medo de sair de si e tornar-se silêncio, de esvaziar-se e imergir num todo que está muito para além de uma reunião das partes.

A passagem do eu para o outro, cruzando a impossibilidade e criando, na via do ensimesmamento, uma integração na totalidade, contribui, neste novilúnio, com o alimento da concórdia, da unidade do comum. Será necessário trazer para a luz, dando clareza ao pensamento, uma mensagem que pede por equilíbrio e paz, por uma humanidade que seja também o reconhecimento do outro. Esta a luz da Lua Nova em Balança.

5

Eclipse Solar Parcial



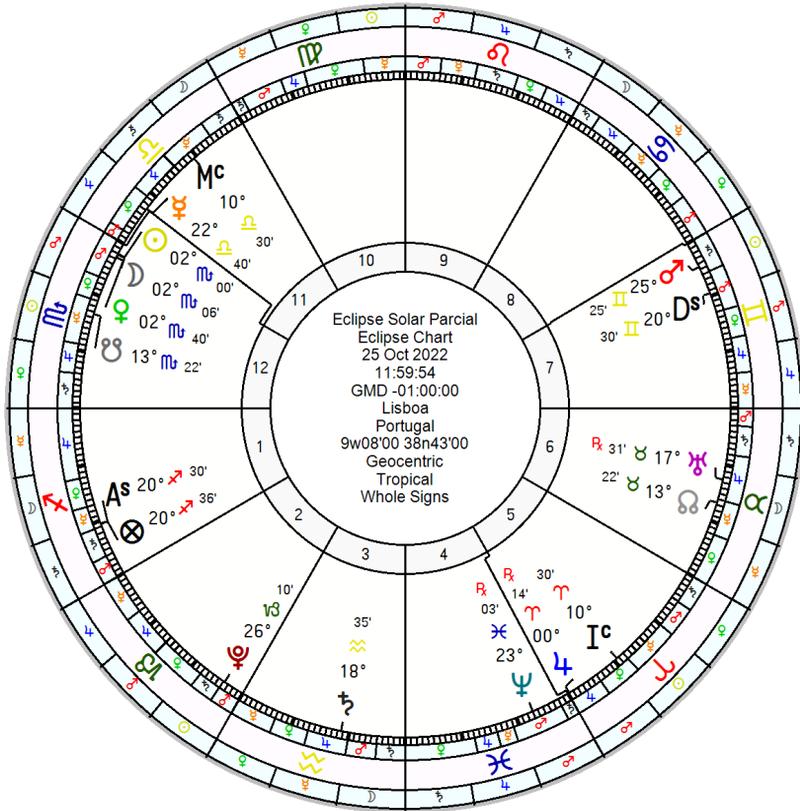
Lisboa, 22h54min, 25/10/2022

Sol - Lua

Decanato: Marte

Termos: Marte

Monomoiria: Vénus



Eclipse Solar Parcial (Lua Nova: Escorpião)

O Eclipse Solar Parcial de 25 de Outubro ocorre no signo de Escorpião, com Sagitário a marcar a hora, no Segmento de Luz (αίρεσις) do Sol, com os luminares acima do horizonte, embora na XII, também designada de Pós-Ascensão, o lugar da Má Fortuna (κάκη τύχη), e a cerca de quatro horas após o orto solar (hora de Lisboa), no decanato e termos de Marte e na *monomoiria* de Vénus. Os eclipses, no eixo nodal Escorpião-Touro, serão particularmente expressivos até ao eclipse total de 20 de Abril de 2023, já em Carneiro, embora a influência de alguns destes eclipses, como o actual, se estenderá pelos próximos anos, marcando assim essa ponte entre a morte e a vida, entre as estruturas de valor que constroem a realidade e alimentam a nossa actividade.

A distribuição planetária pelo tema consolida a ideia – e que aliás será demonstrada pela matriz da série Saros em que este eclipse se insere – de que os elementos estruturantes (Terra e Ar) actuam agora de forma mais activa do que os elementos dinâmicos (Água e Fogo). Em primeiro lugar, deve-se estabelecer as fundações da uma nova realidade para depois colocar em movimento as novas forças criativas. Porém, metade dos astros, se considerarmos os transaturninos, encontram-se abaixo da linha do horizonte, o que potencia, no elemento Água, o princípio de

sombra uterina do próprio eclipse.

Mercúrio é a luz mais alta e a Estrela da Manhã, mas o eclipse ocultará a sua luz, bem como a de Vénus, a Estrela da Tarde, e, junto ao Poente, caindo para o reino sob a Terra, a de Marte. O número pode assim encobrir o sentido preciso e profundo deste eclipse, ou seja, Escorpião, qual timoneiro da morte, encerra em si, como um nevoeiro denso e temível, as chaves do abismo, e sem se descer ao abismo não se sobe à montanha. Essa é a dureza da verdade e do caminho da sabedoria, é como uma via iniciática que se trilha com esforço desapegado e despido de toda a vaidade.

Um eclipse tem o potencial extraordinário de colocar a sombra e a luz sobre o tempo e espaço, ocultando e revelando a sua dádiva. Ora, em termos geográficos e segundo as lições da astrologia antiga, Manílio refere primeiramente que Escorpião governa Cartago, a Líbia, o Egipto, Cirene, a Itália e a Sardenha (*Astronomica* IV, 777-82), enquanto Vétio Valente (*Antologia* I,2) diz-nos que Escorpião rege a Mesopotâmia, a Babilónia, a Grécia, a Acaia, Creta, as ilhas Cíclades, o Peloponeso, a Arcádia, Cirene, a Dória, a Sicília, a Pérsia, *Metagonitis* ou a Numídia (Norte de África, Argélia e Tunísia), a Mauritânia, a Getúlia (Norte de África, Argélia e Tunísia), a Síria, Comagena (Ásia Menor), a Capadócia, Itália, Cartago, a Líbia, *Amom* (Jordânia), Espanha e Roma.

A sombra do actual eclipse cobre de facto muitas destas áreas, estendendo-se desde a Islândia até ao norte da Mongólia,

entre o norte de África e o Médio Oriente e as regiões árticas. No entanto, o centro do eclipse ocorre entre as cidades russas de Surgut e de Nizhnevartovsk, na planície siberiana ocidental.

Estas são duas cidades cuja riqueza resulta especialmente do gás natural e do petróleo, alertando-nos para um agravamento da crise dos bens de primeira necessidade. Aquilo que tem valor está sob julgamento. De uma forma simplista e animada pela propaganda ocidental, dir-se-ia que a sombra da morte recairá sobre a Rússia e que a Ucrânia inverterá o ónus bélico, mas o lugar da morte pode também ser o sítio a partir do qual ela se expande, o seu actual domicílio. A guerra é sempre guerra e a humanidade perde sempre.

Independentemente da perspectiva, a realidade diz-nos que será a partir deste território, seja qual for o lado das barricadas, que as hordas de falsos valores conduzirão a humanidade até às suas ruínas. A lição de uma sizígia sob corpo do Dragão da Lua e no signo de Escorpião remete-nos para uma concentração de luz e sombra num elemento destrutivo e este não é apenas a guerra, vai muito para além dela, pois coloca-nos no limiar do abismo, sem a segurança do fio de Ariadne, e obrigando-nos a centrar, ou recentrar, no essencial. Joseph Campbell, em *O Poder do Mito*, diz-nos: “*Ama os teus inimigos porque eles são os instrumentos do teu destino.*” (trad. J. F. Moisés, 174. São Paulo, 1990: Palas Athena). E, para aquele que se firma somente na vida (Touro) não existe maior inimigo que a morte (Escorpião), mas a vida e a morte, seja pela

aceitação ou pelo temor, são os instrumentos originais do nosso destino.

O tempo, face ao destino, surge assim como a cruz que se carrega por amor. O Amor de Deus vive na totalidade do tempo, na eternidade, todavia, o humano teme o instante e a eternidade, pois estes são, na verdade, um e o mesmo. A Necessidade, neste eclipse, traça os seus ditames de forma oculta. Se, de uma forma um pouco diferente do método ptolemaico, considerarmos três factores antigos, ou seja, o avanço de 10° do eixo nodal a cada eclipse de uma série Saros, a magnitude do eclipse e os tempos de ascensão para o centro do eclipse, constatámos então que a influência deste eclipse poder-se-á estender dos seis meses até aos quatro anos e meio. Este efeito funda-se num sentido que se encontra profundamente enraizado nas transferências de luz e sombra da presente série Saros.

Bernadette Brady, em *Predictive Astrology*, acerca do conceito de série Saros, afirma o seguinte: “*Imagine-se todo o conceito como uma floresta. Cada série Saros é uma árvore na floresta e cada eclipse é uma folha dessa árvore em particular.*” (2022: 196. Newburyport: Weiser Books. Originalmente: *The Eagle and the Lark*, 1992). Cada série Saros produz um eclipse solar a cada 18 anos e 9 ou 11 dias, consoante os anos são bissextos, e estender-se-á por cerca de 650 anos. À medida que a série avança, cerca de 10 graus a cada eclipse, o eclipse acontece mais perto do eixo nodal, reduzindo-se a orbe entre o eixo e eclipse. Se a série começou no Pólo Norte, ela terminará no Pólo

Sul, e vice-versa. Existe neste conceito não só um sentido profundo, riquíssimo para a Astrologia Mundana ou Global, mas também uma enorme beleza.

O primeiro eclipse de uma série e o seu tema astrológico servem de matriz para toda a série, é o seu tema genético. A série Saros 124 começou com o eclipse de 3 de Março de 1049. Ora, a 12 de Fevereiro, Leão IX tornou-se papa e este será o pontífice que marcou, até 1054, o período que conduziu ao Grande Cisma, à separação entre a igreja católica e a igreja ortodoxa. Pode parecer, à primeira vista, apenas um acontecimento ou fenómeno espiritual, todavia, este cisma estabeleceu um conjunto de alterações políticas que subsistem até aos nossos dias.

Por outro lado, o último eclipse da primeira fase, isto é, da primeira fase de eclipses parciais, deu-se a 1 de Junho de 1193. Uma data que consolidou o desfecho da terceira cruzada: morre Saladino e o rei Ricardo I, no seu regresso, é capturado por Leopoldo V, duque da Áustria, e entregue ao imperador Henrique VI, por suspeita de envolvimento no assassinato de Conrado de Monferrato, eleito rei de Jerusalém.

O Sol, a Lua, Vénus e Mercúrio em Peixes, no eclipse matriz (06/03/1049), em sextil a Saturno em Capricórnio e também Neptuno em Carneiro em sextil a Júpiter e Plutão em Aquário favorecem estes acontecimentos e determinam uma tendência que está presente em toda a série. De facto, no primeiro eclipse total que assinala o início da segunda fase (12/06/1229), os factos

históricos prosseguem em sentido similar, pois, nesse ano, termina a sexta cruzada na Terra Santa e é assinado o Tratado de Paris que impõe o fim da cruzada albigense que, por consequência, leva a igreja católica a estabelecer permanentemente o Santo Ofício da Inquisição em Roma, chefiado pela ordem dominicana.

A segunda fase da série Saros 124, aquela em que ocorreram os eclipses totais, estendeu-se até ao eclipse total de 22 de Setembro de 1950 ou até ao eclipse híbrido de 3 de Outubro de 1986. No primeiro, a Guerra da Coreia domina o panorama geoestratégico mundial, mas também ideológico. Deve-se destacar que, na data do próprio eclipse, começou a Segunda Batalha de Seul e, no dia seguinte, a Batalha da Colina 282. Já na data do eclipse híbrido, convém salientar o sismo de San Salvador (10/10/1986) e o encontro de Reagan e Gorbatchev, em Reiquiavique, para se discutir a redução do arsenal bélico. Este encontro falhou o seu propósito. Porém, do ponto vista astrológico, o centro do eclipse ocorreu na costa da Islândia, confirmando o seu sentido.

A terceira e última fase da série iniciou-se com o eclipse parcial de 14 de Outubro de 2004 e terminará a 11 de Maio de 2347. No eclipse de 2004, menos de duas semanas após o mesmo, assinou-se o Tratado de Roma, a primeira constituição europeia. É assim bastante evidente que esta série está profundamente enraizada em valores espirituais e políticos, todavia, quando são colocados em acção, assumem-se, com frequência, quer como

promotores de concórdia, quer como fontes de intolerância e até de totalitarismo. A intensidade maléfica do actual trígono de Ar, ou seja, Mercúrio em Balança, Marte em Gémeos e Saturno em Aquário, possui muitos dos elementos que corromperam o pensamento, as ideias e a comunicação. A superficialidade com são abordados muitos dos temas é exemplo disso mesmo, bem como o poder disruptivo da propaganda e da desinformação.

A aversão entre o eclipse, entre a posição dos luminares e de Vénus em Escorpião, e Marte em Gémeos estabelece-se com profundidade, pois não se funda apenas na posição geométrica e na respectiva ausência de aspecto ptolemaico, mas também no facto de o regente domiciliar do eclipse se encontrar neste lugar disfuncional, onde a morte da sombra e da luz, sugerida pelo eclipse, é de facto anunciada.

Existe aqui, nesta aversão, uma destruição que não é explícita, mas que se oculta no prenúncio de Hades, na sua sombra sob a terra, sob o reino de Deméter. A relação do eclipse com Júpiter em Carneiro fundamenta-se também numa aversão, contudo, quer por ser um benéfico, quer por não ter a mesma dignidade em Escorpião ou ainda pelo trânsito futuro por Peixes e depois por Touro, não assume o mesmo carácter que Marte em Gémeos.

O segmento de luz intensifica também o carácter maligno de Marte, fazendo deste o grande maléfico do eclipse. Já Saturno em Aquário, apesar de atenuado pelo segmento de luz diurno, une-se

quadrangularmente com os luminares e com Vénus. Este traz consigo a morte de Penteu, o rei de Tebas que casou com Harmonia, filha de Afrodite e Ares. As bacantes, adoradoras de Dioniso, confundem, no seu frenesim, Penteu com um javali e matam-no. É Dioniso quem leva as bacantes a cometer o acto, porque Penteu renegava o deus e desrespeitava o seu culto.

O carácter apolíneo de Penteu, enraizado aqui em Touro, opõe-se ao dionisíaco, à expressão de Escorpião e este é o eixo nodal, o corpo do Dragão da Lua, que rege este eclipse. Saturno em Aquário concede quadrangularmente, com peso, com gravidade, a este eixo e a esta oposição entre Apolo e Dioniso, entre Touro e Escorpião, a ὕβρις, a desmedida. Existe, deste modo, uma nova tensão nas fundações da Natureza.

A relação do eclipse com os transaturninos pode encontrar também aqui uma matriz de sentido que é mitológica e astrológica. Se Escorpião é Dioniso, então a sombra do eclipse vai levar a estes planetas o êxtase da destruição, o frenesim da separação, aquele em que o indivíduo se perde, emergindo num delírio espiritual e místico. As profundezas reservam para si esse poder. Tem de existir uma renovação pela morte. Esta é a condição necessária para o renascimento, para a chegada de uma nova luz. A sabedoria voltará a brilhar, pois morto o velho humano, o novo nascerá.

A forma como, no entanto, este princípio leva os seus raios aos planetas transaturninos obriga-nos a rever a estrutura conceptual que lhes outorgamos, pois se analisarmos com cuidado

a mitologia de Úrano, de Neptuno e de Plutão, percebemos que podemos estar a cair numa falácia.

Quando, para facilitar a interpretação, a astrologia contemporânea colou o significado dos signos primeiro ao significado das casas na ordem vernal e depois destas aos seus regentes, criou-se um sentido que pode ser desadequado e exagerado. Algo que, pelo peso da tradição, não aconteceu com os restantes planetas. Contrariou-se, por exemplo, o valor conceptual do *thema mundi* e o significado tópico do sistema de casas, ambos criados pela matriz hermética da astrologia antiga. A mitologia pode refundar estes conceitos e trazer outros sentidos aos transaturninos.

A oposição entre os luminares e Vénus em Escorpião, sob o manto do eclipse, e Úrano em Touro tem, neste binómio nietzschiano de apolíneo e dionisiaco, uma hegemonia do tirso, qual deus itifálico, sobre o deus castrado emasculado. A castração de Úrano não é, de um ponto de vista astrológico, a consequência directa de uma certa androgenia de Hermes/Mercúrio. Úrano é castrado por Cronos/Saturno por se recusar a separar-se de Gaia, impedindo os seus filhos de sair do seu ventre.

Na verdade, a posição de Úrano em Touro reforça este aspecto. Este é também o céu agressor e o símbolo da terra abusada, subjugada. A actual quadratura de Saturno e Úrano traduz, neste cenário mitológico, a libertação da Terra do seu jugo. Hoje o abusador é o humano e a Terra clama por liberdade.

De uma outra forma, o trígono com Neptuno em Peixes mostra como o deus Posídon não representa de todo a ilusão ou a evasão. É um deus dominante, misógino como Zeus, que tomou o trono de Eurínome, a deusa do mar e da origem, e que sob a forma de cavalo é sexualmente prolífico, daí que represente aqui a teogamia e a fertilização divina.

Já o sextil com Plutão em Capricórnio introduz, por exemplo, como o deus romano Plutão representa a abundância, pois as riquezas nascem sob a terra, no seu domínio. Ora, indicando Capricórnio o corno de Amalteia, a cornucópia da abundância, esta posição adquire assim um outro sentido. Este é o poder da semente. Os planetas transaturninos devem pois passar por uma refundada exegese que os liberte do pensamento único.

Neste eclipse, o grande benéfico, devido ao segmento de luz, é Júpiter em Carneiro. No signo que é fogo em acto, exacerbará a dinâmica criativa, mas aquilo que cria também destrói. Essa é a regência domiciliar de Marte sobre Carneiro. A actual oposição de Júpiter e Mercúrio, estando em Balança, mas ainda sobre os raios sombrios do eclipse (15°), estende diametralmente a dádiva e a palavra.

Existe uma separação entre a justiça e o pensamento. A ilusão da propaganda populista e belicista serve essa cisão. O sextil, símbolo do livre-arbítrio, entre Júpiter em Carneiro e Marte em Gémeos, entre o grande benéfico e o grande maléfico do tema do eclipse, consolida aqui, de forma negativa, esta tendência para a

corrupção da justiça e do pensamento.

Já, por outro lado, o sextil entre Júpiter em Carneiro e Saturno em Aquário pede à liberdade humana uma integração do destino na dádiva, criando uma outra justiça. A nova era, o tempo do Espírito Santo, do Divino Feminino, cria, sob os auspícios de Júpiter e Saturno, o espaço e o tempo para a Sabedoria. Porém, existem agora três quadraturas que minam os passos que hoje temos de dar nesse sentido. São elas a quadratura de Mercúrio em Balança e Plutão em Capricórnio, a de Marte em Gêmeos e Neptuno em Peixes e a de Júpiter em Carneiro e Plutão em Capricórnio. Todas revelam, tal como a mensagem do Dragão da Lua indica, os falsos valores que estão demasiados enraizados e que a humanidade teima em defender. O falso sentido de universalidade, a obstinação do pensamento único e a parcialidade da injustiça impedem a mudança necessária.

Um eclipse solar em Escorpião, mais do que em qualquer outro signo, coloca-nos perante a Sombra, não aquela que tudo escurece, mas aquela que oculta a Luz.

(Página deixada propositadamente em branco)

6

Eclipse Lunar Total



Lisboa, 10h59min, 08/11/2022

Lua

Decanato: Lua

Termos: Júpiter

Monomoiria: Mercúrio

Sol

Decanato: Sol

Termos: Mercúrio

Monomoiria: Vénus

Eclipse Lunar Total (Lua Cheia: Touro-Escorpião)

O Eclipse Lunar Total de dia 8 de Novembro ocorre com a Lua no signo de Touro e o Sol no de Escorpião, com Capricórnio a marcar a hora (hora de Lisboa), no Segmento de Luz (ἀΐρεσις) do Sol, estando este abaixo do horizonte, na V, no lugar da Boa Fortuna (ἀγαθή τύχη), e a Lua acima, na XI, no lugar do Bom Espírito (ἀγαθόν δαίμων). A Lua encontra-se no seu próprio decanato, nos termos de Júpiter e *monomoiria* de Mercúrio. O Sol encontra-se também no seu próprio decanato, nos termos de Mercúrio e *monomoiria* de Vénus. Na hora de Lisboa, o eclipse dar-se-á cerca de quatro horas após o ocaso do Lua e o nascimento do Sol. A ocultação da Lua, do Feminino e da Deusa, quer pela condição natural do próprio eclipse lunar, quer por estar abaixo do horizonte no segmento do Sol, será mais evidente, tornando simbólico o caminho por trilhar.

Se seguirmos uma outra técnica, diferente daquela que utilizámos no passado eclipse solar e baseada na ascensão recta no período de maior magnitude, concluímos que o efeito deste eclipse pode ficar perto dos três meses. Por outro lado, se nos sustentarmos no tempo de duração do eclipse, podemos fixar então um efeito que vai de cerca de um mês e meio até perto dos quatro meses, o que, na verdade, não faz divergir em muito o

resultado.

Estas diferentes formas de se calcular o tempo em que os efeitos de um eclipse estarão mais presentes servem sobretudo para demonstrar que existem outros modelos para além do ptolemaico e das horas equatoriais. O eclipse de dia 8 quer pelo tempo que se acabou de fixar, quer pelas suas próprias características astrológicas não terá um efeito externo evidente, todavia possuirá um grande efeito interno, ou seja, o seu efeito nascerá das profundezas tanto da Terra como da alma.

Quanto ao seu efeito espacial, devemos observar primeiro as lições antigas. Manílio que nos deixou o primeiro manual de Astrologia Helenística – sim, porque Doroteu não só poderá ser ligeiramente posterior como o seu livro chegou até nós ou em fragmentos ou em versões posteriores – diz-nos que Touro rege a Cítia, a Ásia, por causa dos Montes Tauro na Turquia, e a Arábia (*Astronomica*, IV, 744-817). Vétio Valente segue esta tradição e coloca Touro a reger as regiões da Média (o actual noroeste do Irão, o Azerbaijão, o Curdistão Iraniano e o Tabaristão ou Mazandarão), da Cítia (Irão, mas também uma área que se estendeu da Bulgária às fronteiras da Rússia, Mongólia e China), do Chipre, da Arábia, da Pérsia e das montanhas do Cáucaso, da Samártia (junto à Média), de África, de *Elymais* ou Elamais (Cuzistão, uma província do Irão), de Cartago, da Arménia, da Índia e da Germânia (*Antologia* I, 2).

Por outro lado, o mapa da sombra do eclipse diz-nos, porém,

que este abrange uma área que é quase a oposta à do eclipse solar de dia 25 de Outubro, pois, no actual a Europa e a África ficam quase excluídas do manto penumbral. O eclipse recairá sobre a Ásia, a Austrália, o Pacífico e as Américas. A regência astrológica sobre o continente Asiático coincide com as lições de Manílio e de Valente, confirmando as questões globais em torno da Rússia, da China, de Taiwan e das Coreias, bem como os problemas no Irão, no Iraque, no Afeganistão e no Paquistão.

O efeito do eclipse sobre o Irão dará, por exemplo, continuidade aos actuais protestos políticos, bem como à sua repressão, e fará permanecer a questão em torno dos direitos das mulheres, embora esta seja uma questão que se colocará muito para além das fronteiras do Irão. Os avanços do populismo e da extrema-direita, tanto na Europa como nos Estados Unidos da América têm minado os direitos das mulheres. Em todos estes casos e, em especial, neste último, a descida da sombra, no tema astrológico de referência, sobre a terra e sobre o lugar que a Lua ocupa assume aqui um sentido literal que torna agora o símbolo uma realidade.

Este eclipse insere-se na série Saros 136, uma série relativamente recente, que se iniciou com o eclipse de 13 de Abril de 1680 sobre o eixo Balança-Carneiro. Esta série terminará a 16 de Junho de 2383 no eixo Sagitário-Gêmeos, mas o primeiro eclipse da série é aquele que serve de matriz. Neste caso, menos de um mês após o eclipse, já em Maio de 1680, o Krakatoa, entre as

lhas de Java e Sumatra, entra em erupção. Algo que é astrologicamente confirmado pela quadratura da Lua e da *Caput Draconis* em Balança e do Sol, de Úrano, Marte e da *Cauda Draconis* em Carneiro a Saturno e Plutão em Caranguejo. Encontramos, com frequência, nos eclipses e, em especial, nos eclipses lunares, uma certo efeito sobre os desastres naturais, sejam eles erupções vulcânicas, sismos, *tsunamis* ou furacões.

Para além da erupção do Krakatoa, deve-se salientar o grande o auto-de-fé de 30 de Junho na Plaza Mayor, em Madrid, e cuja imagética pode ser apreendida pelo quadro de Francisco Rizi, exposto no Museu do Prado. Ora este facto é perceptível pela quadratura de Mercúrio e Júpiter em Touro a Neptuno em Aquário. A humanidade tende a acreditar na cristalização dos valores e na certeza de que a forma de alguns serem e estarem é a única que se pode aceitar.

Umhas semanas antes, a 10 de Junho, é assinado um tratado de defesa mútua entre Espanha e Inglaterra. O sextil entre Mercúrio e Júpiter em Touro a Vénus em Peixes favoreceu a assinatura deste tipo de tratado. Por fim, e já para além dos efeitos imediatos do eclipse, mas assinalável, é o primeiro avistamento do cometa de 1680 que passou, nomeadamente, do tom cinza ao vermelho, como se visse, no céu, um feixe de luz, primeiro Saturno e depois Marte. À semelhança dos cometas antigos, a passagem do cometa de 1680 será de extrema importância.

Na série 136, o último eclipse parcial da primeira da fase deu-

se a 14 de Setembro de 1932. A Guerra de Chaco, entre a Bolívia e o Paraguai, marca o período em redor do eclipse, em especial, a Batalha de Boquerón, ou seja, o cerco da fortaleza de Boquerón pelos paraguaios, que ocorreu entre os dias 9 e 29 de Setembro de 1932, durante o próprio eclipse. Já o primeiro eclipse total da segunda fase desta série Saros aconteceu no dia 26 de Setembro de 1950.

Várias das séries Saros em que se inserem os últimos eclipses, os dos últimos anos, tiveram eclipses que correspondem ao período da Guerra da Coreia, o que encerra um sentido profundo, pois as questões que aí surgiram vão marcar acontecimentos actuais e futuros. A área geográfica das duas coreias continua a ser uma ameaça à paz mundial, pois o gatilho de uma grande guerra tende a ser puxado em questões aparentemente circunscritas.

O eclipse de 1950 inclui-se nesse lote. Uns dias antes do eclipse, deu-se a Batalha de Inchon (15/09) e, entre os dias 31 de Agosto e 19 de Setembro, a Batalha do Rio Ham. Como sinal claro do agravamento do conflito, a China entra na guerra, fortalecendo a posição norte-coreana. De uma outra forma e do outro lado do mundo, no Brasil, Getúlio Vargas é eleito presidente (03/10) para o último mandato e que terminará com o seu suicídio (24/08/1954). Neste período, criou-se muitas das dicotomias que ainda hoje persistem na sociedade e política brasileira. O eclipse 26 de Setembro de 1950 definiu-se por um carácter que diverge do actual, pois a sua expressão era externa e manifestou-se de forma

explícita na geopolítica do seu tempo. Já o actual eclipse funda-se num elemento de ocultação que, na verdade, se une à natureza primordial de um eclipse.

Robert Hand diz-nos, em *Essays on Astrology*, que “*Os antigos adoravam todas as formas de divindades femininas, a maioria das quais estavam relacionadas com a Lua de alguma forma.*” (1982: 14. Atglen: Whitford Press). Existe uma persistência natural da Lua no Sagrado Feminino, mas que, na astrologia, é por vezes desvalorizada. O exacerbamento conceptual da actual astrologia psicológica sobre a Lua traduz, na verdade, o medo do feminino e a rejeição, muitas vezes inconsciente, do seu potencial. Tem-se esvaziado a Lua astrológica do espanto primordial, teofânico, que define a Lua como Grande Deusa.

Na mitologia grega, Hesíodo diz-nos, na *Teogonia*, que Hemera, Ἡμέρα (o Dia), e o Éter, Αἰθήρ (a Luz Celestial), nasceram de Érebo, Ἔρεβος (as Trevas), e de Nix, Νύξ (a Noite). Esta escuridão que reside na origem continua hoje a indicar esse medo do feminino, que assusta e faz enraivecer homens e mulheres, enraizados no patriarcalismo e na fragilidade de um masculino estereotipado e na distorção do feminino. Aquele que emerge nas águas da Grande Mãe, da deusa Sige, tem medo de se perder.

É curioso que os gregos faziam uma distinção entre o Éter que representa a luz celestial e o céu dos deuses com Úrano, o céu da natureza e dos humanos. Isto é algo que hoje tendemos a

esquecer e que nos leva, uma vez mais, a repensar os planetas para além de Saturno e o seu verdadeiro sentido. No caso do eclipse lunar, este aspecto é particularmente importante, uma vez que Úrano se encontra com a Lua, abaixo do horizonte, no reino sob a Terra. É impossível, também pela ausência do elemento Fogo neste eclipse, não relacionar o mesmo com a imagem da caverna, visto que ela representa essa escuridão primordial, essa Noite a partir da qual tudo nasce.

Na alegoria da caverna, Platão afirma o seguinte: “*se alguém o forçasse a olhar para a própria e luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar*” (*República* 515e, trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 15ª ed., 2017). O medo do feminino, da escuridão uterina, revela, com uma frequência abissalmente comum, o medo da luz. Por norma, aquele que teme a sombra quebra também perante a luz. A revelação, tanto por aquilo que se oculta como por aquilo se expõe, causa quase sempre um temor avassalador, daí que aquele que aceita a luz e nasce da caverna do feminino seja rejeitado e vilipendiado. A excepção e o comum nunca andam de mãos dadas. Porém, tanto a escuridão como a luz, tanto a noite como o dia são o nosso único caminho.

Com o Sol, Vénus e Mercúrio em Escorpião, ambos sob os raios solares e Mercúrio no Coração do Sol, sendo estes, para o tema de Lisboa, os únicos acima do horizonte, o sentido de mediação, segundo aquilo que se oculta, ganha uma nova força,

uma outra dinâmica. Na XI, no lugar do Bom Espírito, esta pulsão solar torna-se assim a nascente no interior da caverna, a origem do rio e da passagem. Caído o escorpião, uma águia erguer-se-á, mas engana-se aquele que julga que a águia é um escorpião benévolo, pois se um ataca escondido na terra, o outro precipita-se oculto no ar. A morte é, contudo, uma e a mesma.

Vénus em Escorpião é a sensualidade que mata e o desejo que envenena, é como a música dos UHF “Matas-me com o teu olhar”, e essa morte não é apenas erótica, é também bélica. A deusa do amor e da guerra passeia-se por entre as hordas. Já Mercúrio em Escorpião é palavra que eleva os mortos, o cântico do Psicopompo que guia as almas no submundo. Aqui a palavra é um demiurgo necromante que recupera a sabedoria do passado e dos ancestrais. Neste eclipse, se temermos a morte e os mortos, a destruição, não alcançaremos a sua mensagem.

Existe, porém, nesta palavra sussurrada uma dádiva que emerge: Júpiter e Neptuno em Peixes unem-se triangularmente a esta concentração de luz e sombra em Escorpião. O retorno de Júpiter a Peixes e o reencontro com Neptuno recupera a dádiva das Musas e das Graças. A criação nasce do bem e, mesmo que discreta, pode salvar o mundo. O novo humano nasce também da sua criatividade, daquela que nasce da solidão do espírito e não da vaidade no meio da multidão.

Com Marte em Gémeos, em retrogradação, olhando para trás, quadrangularmente, para Júpiter e Neptuno em Peixes,

rangendo os dentes e arranhando os cotovelos, a inveja ficará à espreita e irá expandir esse azedume para com o outro com a força que evita o choque de olhar para si. A aversão do lugar do Sol e dos seus porta-estandartes, Mercúrio e Vénus, ou seja, de Escorpião ao lugar de Marte, Gémeos, revela também este desligamento radical, esta *apostrofia* tópica, que, neste eclipse, enfraquece o próprio Marte. Paralelamente, e por Marte estar fora do segmento de luz dominante, Saturno torna-se o grande maléfico, tornando estruturante, uma vez mais, o trígono com Marte. O destino coloca a retribuição e a desmedida sobre os excessos da humanidade.

Saturno em Aquário, neste eclipse na II, no lugar do Viver (hora de Lisboa), representa aqui a ameaça sobre os bens de primeira necessidade, sobre a dignidade humana, e a prevalência da desigualdade social sobre a justa distribuição da riqueza. Saturno lança quadrangularmente, a partir do reino sob a terra, os seus raios sobre o eclipse, sobre os astros em Touro e Escorpião, que devolvem a escuridão penumbral, enlaçando-a entre a vida e a morte. As raízes da Terra, com a Lua, Úrano e a *Caput Draconis* em Touro, na Boa Fortuna (V), junto à Cornucópia de Amalteia, querem lançar, em igualdade, a abundância sobre todas e todos, mas as trevas impedem o caminho do bem.

O grande benéfico, que Júpiter em Peixes, une-se em trígono (Escorpião) e em sextil (Touro) aos luminares, ao Dragão da Lua e aos planetas que os acompanham e revela, de facto, a via do

bem que se oculta sob a sombra do eclipse. Júpiter e Neptuno trazem, de novo, dando à humanidade a outra hipótese de anular os erros do passado, a dádiva da bondade e compaixão, de trazer a si, ao si que se revela depois do eu, a bênção da totalidade, da imersão da alma individual na alma do mundo. Plutão em Capricórnio contribui para esta dádiva com sextil aos astros em Escorpião e Touro, com o poder da morte e com a transformação radical de nos apercebermos que tudo nasce, morre e renasce, que o que se cria também se dissolve. O apego é uma outra senda que não pertence ao caminho do bem.

Este eclipse lunar total, no eixo Touro-Escorpião, coloca o binómio luz-sombra sobre a vida e a morte, sobre a qualidade do viver e do morrer, estabelecendo sobre o que se cria e o que se perde novas estruturas de valor. Será, deste modo, e se for essa nossa vontade, a Deusa eclipsada, o Feminino renegado, a recuperar o absoluto que pertence à Terra.

7

Lua Nova



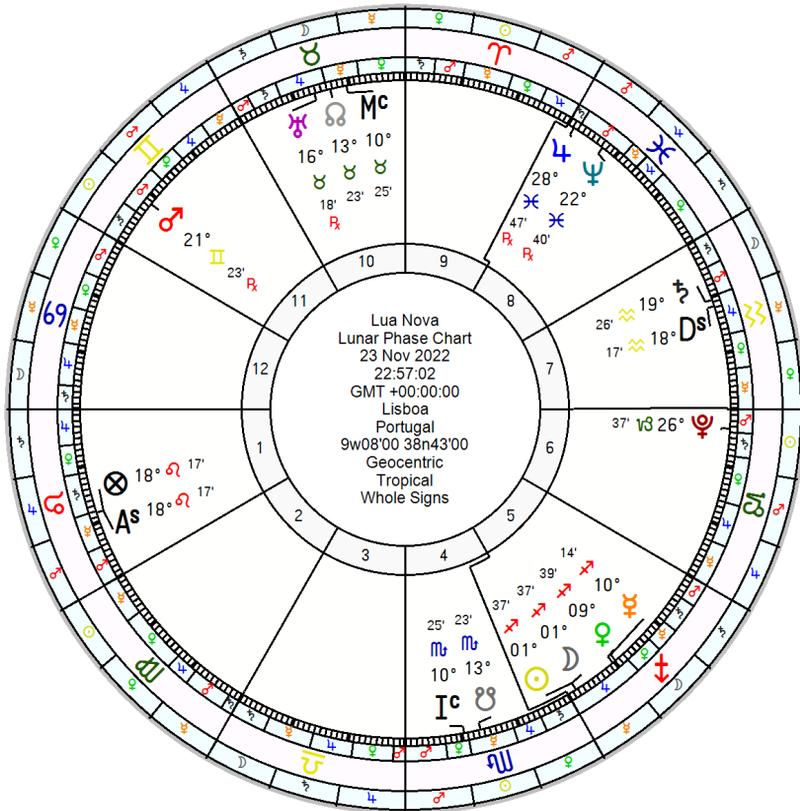
Lisboa, 22h57min, 23/11/2022

Sol - Lua

Decanato: Mercúrio

Termos: Júpiter

Monomoiria: Marte



Lua Nova: Sagitário

A Lua Nova de Novembro ocorre no signo de Sagitário, com Leão a marcar a hora para o tema de Lisboa, e assim na V, no Lugar da Boa Fortuna (ἀγαθή τύχη), no decanato de Mercúrio, nos termos de Júpiter e na *monomoiria* de Marte. A sizígia dá-se, desta forma, abaixo do horizonte e cerca de três horas e meia após o pôr-do-sol. O Sol encontra-se pois desfavorecido por estar fora do seu próprio segmento de luz (αἴρεις) e abaixo do horizonte, já a Lua colhe as bênçãos da noite, embora esteja num signo masculino. Recupera-se também aqui o elemento Fogo, ausente no tema do eclipse lunar, e que reforça a força do intelecto.

Consequentemente, a luz da sizígia, agora num signo de Fogo, encontra-se sob a terra, no útero de Gaia. O olhar fixa-se então em Marte, como luz ascendente, e em Júpiter e Saturno, como luzes que descendem. Úrano é a luz mais alta e Neptuno ladeia Júpiter na sua queda. Porém, à hora do encontro dos luminares, todas estes planetas, com a excepção de Saturno que se encontra conjunto ao Ponto do Ocaso, se encontram retrógrados. Júpiter ficará directo cerca de cinco minutos após a sizígia.

Esta retrogradação, no hemisfério superior do tema, é particularmente significativa. Saturno desaparece no horizonte e Marte, Úrano, Júpiter e Neptuno iludem o olhar com seu

movimento de retorno. Esta ilusão do movimento consagra a sua impotência, a negação da potencialidade. O movimento volta a si mesmo, anulando o potencial de acção. É um solipsismo e um ensimesmamento radical. No entanto, como o movimento se estende no espaço e no tempo, esta negação tem uma temporalidade restrita. A anulação do acto e o retorno a si tem um fim. A questão que se coloca é saber se o período de ensimesmamento produziu uma finalidade, um propósito que emerge de si mesmo e se torna acção.

Uma Lua Nova em Sagitário obriga, de um outro modo, a reflectir sobre este signo de passagem entre o animal e o humano. Se pensarmos no sistema tópico de casas, tal foi primeiramente descrito, no século I EC, por Trasilio no *Pínax* (CCAG VIII/3: 99-101), e segundo a ordem vernal, Sagitário ocupa então a IX, o lugar de Deus, já se olharmos para o mesmo sistema, mas segundo a ordem do *Thema Mundi*, o arqueiro ocupa a VI, o lugar da Má Fortuna, e é o outro signo, regido por Júpiter (Peixes), que ocupa a IX, o lugar de Deus. Este aspecto firma um sentido profundo, pois obriga, por um lado, a recuperar o potencial significativo do *Thema Mundi* e, por outro, coloca o valor conceptual de Sagitário para além da Sabedoria, frisando, todavia, a mediação entre a luz e a sombra, entre o divino e o humano e entre o humano e o animal.

Se o eixo-matriz do horizonte for, desta forma, o de Caranguejo-Capricórnio, tal descreve o *Thema Mundi* e seguindo a herança dos mistérios de Mitra, então o eixo da pós-ascensão e do

pós-declínio, daqueles que se seguem ao orto e ao ocaso, é o de Gémeos-Sagitário. Curiosamente, ou não, estes são os únicos signos duais de natureza diversa (Peixes apresenta dois animais ou dois deuses de natureza similar). Gémeos, segundo o mito de Pólux e Castor, apresentam um ser de natureza divina ou semidivina e outro de natureza humana, já Sagitário indica um ser que é parte humano e parte animal.

Sagitário é tradicionalmente associado ao centauro e se este for Quíron, o seu pai será Cronos/Saturno, o regente do signo que, no *Thema Mundi*, está no Ocaso. Porém, os centauros não utilizavam o arco e a flecha, o que leva Ps. Erastótenes a dizer que este será Croto, o sátiro filho de Pã e Eufeme (cf. Rodolfo Miguel de Figueiredo, *Fragments Astrológicas*, 2021: 137-8, 149-50, 155-6). Neste caso, Pã relaciona-se com o carácter telúrico de Hermes/Mercúrio (regente de Gémeos). Por outro lado, a relação de Croto com as Musas aponta para a IX, o lugar de Sagitário na ordem vernal. Ora é o elemento de passagem entre o animal e o humano que sobressai neste novilúnio. Podemos, no entanto, congrega todas estas referências na mediação que a Sabedoria eleva entre as trevas e a luz, ou seja, a Sabedoria funda o humano e aquele que a rejeita está mais próximo da bestialidade do que da humanidade.

A Lua Nova de Sagitário, na V, no lugar da Boa Fortuna, faz desta Sabedoria, uma promotora de abundância e torna-a, como elemento de passagem, finalidade e destino. E se pensarmos bem, vemos, sem sombra de dúvida, o quanto o mundo precisa de uma

refundação segundo a Sabedoria. Porém, a Sabedoria exige esforço e, para se tornar a fonte da abundância, é necessário uma rejeição – a negação que anteriormente falávamos – da superficialidade. Marte em Gémeos, opondo-se à sизígia, e como grande maléfico do tema, aquele que se encontra no seu segmento de luz e acima do horizonte, firma-se na liquidez da palavra, na mediação distorcida das falsas narrativas e na viagem pela dualidade.

No caminho da luz que avança pelo submundo, é o Sol que caminha na dianteira, seguido pela Lua, por Vénus e por Mercúrio, duas estrelas do entardecer que assumem um carácter feminino, imaginativo e intuitivo. Existe pois, nesta senda nocturna, uma acção criativa, um acto inaugural que acorda no raiar da aurora. Este é um novilúnio em que a condição de espera, da virtude da paciência e da tolerância, estará exacerbada. É o momento precioso e único em que o arqueiro espera pelo destino da seta lançada. Pelo caminho, a seta cruzará o lugar mais profundo do submundo (o IC) e a *Cauda Draconis*, lançando-se no destino e na morte, na destruição de si mesma.

Júpiter e Neptuno em Peixes trazem, nesta lua nova, até pelo fim anunciado da retrogradação de Júpiter e pela quadratura à sизígia e a Vénus e Mercúrio, a passagem entre a dúvida e a esperança, ou a assunção da fé como a outra via do caminho da verdade. Pistis-Sophia, a deusa da gnose milenar, carrega assim, como anúncio de concórdia, essa união entre a dádiva de Sagitário e a dádiva de Peixes. No entanto, a concórdia entre a sabedoria e a

fé exige um esforço. É o salto para o abismo, o precipitar-se do alto da montanha. A quadratura dos benéficos (Júpiter e Vénus) indica esse labor do bem que não anula a sua condição, mas frisa a necessidade de cuidado e diligência.

Crisipo de Solos diz-nos que “*a justiça existe por natureza e não por convenção*” (SVF III, 308: φύσει τε τὸ δίκαιον εἶναι καὶ μὴ θέσει). Os sextis de Júpiter e Neptuno em Peixes a Úrano e à *Caput Draconis* em Touro e a Plutão em Capricórnio reforçam a qualidade primordial da justiça, o seu enraizamento na realidade. Naturalmente, quando se fala da justiça como condição natural é impossível não relacionar este espírito de Júpiter com o tempo e a necessidade, os atributos primordiais de Saturno. Estes aspectos anunciados inscrevem na liberdade a justiça e a necessidade, é portanto livre aquele que cumpre, que realiza o seu destino.

O Dragão da Lua, após o fim da segunda época anual de eclipses, fortalece agora o seu sentido profundo. Fernando Pessoa definiu a *Caput Draconis*, afirmando que esta “*é o escudo abstracto do destino*” (Pessoa *Inédito*, ed. Teresa Rita Lopes, 1993: 41. Lisboa: Livros Horizonte). Na cabeça do Dragão da Lua, a Necessidade torna-se o fogo que, por ele lançado, ilumina a realidade, já a cauda chicoteia o real com o peso do destino, da retribuição.

Este animal mítico é, na verdade, o derradeiro guardião do Sagrado Feminino, da Deusa da Lua. A relação de Júpiter em Peixes (sextil e trígono) e Saturno em Aquário (quadratura), bem como de Úrano de Touro (conjunção e oposição), de Neptuno em

Peixes (sextil e trígono) e de Plutão em Capricórnio (sextil e trígono), ao Dragão da Lua no eixo Touro-Escorpião determina, deste modo, a força da roda da fortuna sobre a realidade e sobre o humano.

Na continuidade da mensagem do Dragão da Lua, surge Saturno tanto por estar fora do seu segmento de luz como pela posição crepuscular. Este une-se, em sextil, ao Sol, à Lua, a Vénus e a Mercúrio, dando ao peso da Necessidade sobre a Sabedoria uma qualidade significativa, ou seja, o propósito da deusa Sophia, do Sagrado Feminino e da era do Espírito Santo, como rosto feminino da Trindade, torna-se cada vez mais claro. A humanidade só poderá ser uma unidade colectiva se o númen agregador for o da Grande Deusa. A passagem de Saturno, em 2023, de Aquário para Peixes, de um signo masculino para um feminino, cria essa ponte de sentido entre a humanidade e a totalidade.

Existe, no entanto, e aliás como sempre, uma resistência patriarcal, mesmo daqueles que não se anunciam como prelados de valores misóginos e androcêntricos. A quadratura de Marte em Gémeos a Júpiter e Neptuno em Peixes e a oposição a Vénus em Sagitário cria, por um lado, uma tensão com ambos os benéficos (Vénus e Júpiter) e, por outro, um conflito com o princípio do Amor (Vénus) e com a sua exaltação (Neptuno), expressões do Sagrado Feminino.

A força disruptiva de Marte em Gémeos, agora em retrogradação, corrompe o elemento mitológico de passagem entre

o humano e o divino que o signo mutável de Ar nos propõe, apresentando-nos a ruína inevitável da influência de certos valores sobre o pensamento e os conceitos, sobre a palavra e o discurso.

A Lua Nova de Sagitário é a seta incandescente que ora alumia o céu estrelado, ora cai e incendeia. O fogo da Sabedoria tem, de facto, um potencial natural de iluminar a humanidade, mas reserva também para si, tal como a lição do estoicismo antigo nos anuncia, o poder de conflagrar o mundo, para o renovar ou o destruir.

(Página deixada propositadamente em branco)

8

Solstício de Inverno



Lisboa, 21h49min, 21/12/2022

Sol

Decanato: Júpiter

Termos: Mercúrio

Monomoiria: Saturno

Solstício de Inverno

O Solstício de Inverno (Hemisfério Norte), assinalado pelo ingresso do Sol em Capricórnio, representa, como o próprio signo indica, a ideia de culminação, a chegada ao cume da montanha, a vitória da luz sobre a sombra. Os solstícios são, a par do ciclo lunar mensal, os principais eventos do ano astrológico primordial, sobretudo na sua relação com a Natureza, com os ciclos que o paganismo, desde tempos sem memória, celebra e continua a celebrar. A ideia de finalidade surge agora como símbolo, como *mimésis* da realidade, pois é nos momentos mais escuros, mais difíceis, que a sobrevivência e a vida com sentido se tornam fundamentais.

Os solstícios são as duas grandes festas do ano solar. No Verão, o Rei Carvalho encontra o seu auge e assim, sabendo que tudo nasce, morre e renasce, entrega o ceptro ao Rei Azevinho que governará o período em que a luz mingua até à escuridão, até ao momento em que morrerá para trazer a Criança Prometida, o novo rei. A roda é, por excelência, a matriz do tempo astrológico, do ciclo, do eterno retorno, que é bem diferente do tempo linear, aquele que marca a concepção tradicional judaico-cristã e que, com frequência, é quase impossível de conciliar com esse tempo circular de regresso a si mesmo.

A imagética em torno de Capricórnio conduz-nos, por vezes, para uma percepção errónea de uma certa masculinidade ambiciosa, resiliente e focada, como a que é apreciada pelo paradigma socioeconómico vigente. No entanto, Capricórnio é um signo feminino. É a cabra que vence a montanha, as escarpas a pique, e que alcança, segura de si mesma, o alto cume, e é também Amalteia, a cabra ou a ninfa que alimentou Zeus/Júpiter em criança ou ainda a cabra indestrutível e invencível que o ajudou, quando estava fragilizado e sem tendões, a vencer Tífon. No fundo, é a força que vence a probabilidade, é o espírito inquebrável do feminino.

Depois da morte de Osíris, essa força é também Ísis, a deusa de mil nomes que dará à Luz, no Solstício de Inverno, a Criança Prometida, Hórus, o recém-nascido que terá de vencer as trevas, de lutar com Set, para trazer a Primavera, os frutos do Verão, à terra negra. Ísis supera todas as dificuldades, todos os obstáculos, e torna-se a possibilidade do renascimento. A mumificação e o sepultamento de Osíris acontecem entre 3 de Novembro e 21 de Dezembro e Hórus nasce a 23 de Dezembro como touro de sua mãe, ocupando o trono vacante da terra, a própria deusa Ísis. Hórus, como novo rei, assimilará o disco solar e tornar-se-á Hórus-Ré, um novo deus Sol.

No *Corpus Hermeticum*, no Discurso de Nous a Hermes, podemos encontrar uma síntese do sentido que se oculta na profundidade deste mito, quando se diz que “*Assim como a*

Eternidade é a imagem de Deus, o mundo é a imagem da Eternidade, o Sol é a imagem do mundo, o homem é a imagem do Sol” (XI, 15 in Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum e Discurso de Iniciação com a Tábua de Esmeralda*, ed. M. Pugliesi & N. de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1978, 57). Ora este crescente de ser e sentido de Humano, Sol, Mundo, Eternidade e Deus oculta uma matriz feminina que é também, na origem, essa mesma Eternidade, a imagem permanente de um deus indeterminado e inefável. Os nossos conceitos estão, deste modo, demasiado masculinizados e tendem a suprimir, mesmo sem consciência, a realidade divina feminina.

A deusa não nasce, morre e renasce, ela permanece e só o seu rosto muda, ela é o silêncio primordial, a noite a partir da qual tudo nasceu, mas ela é também a Roda do Tempo, a Necessidade, aquela que tece o começo da vida, segue o seu curso e observa o seu fim. Na regência das árvores, pois quem vê uma árvore pode também ver o céu, o dia 22 de Dezembro é governado pelo Sabugueiro, representando a morte, e o dia 23, o Abeto-prateado, o renascimento, a primeira árvore de Natal. Estas são duas árvores da Deusa e particularmente sagradas, consagradas ao divino feminino, e que representam igualmente esse simbolismo da Roda do Tempo.

No solstício de Inverno, a deusa que, no solstício de Verão, era a Morte na Vida é agora a Vida na Morte, ela é a rainha da escuridão, do frio, da chuva e do gelo que cai sobre a terra. Hécate surge, no Inverno, como senhora tríplice dos caminhos cruzados,

revelando que, na noite escura, é o feminino que eleva a candeia. A deusa, como senhora eterna de seu filho, consorte e irmão, é a única que preserva e garante o regresso do Deus da Luz. E é o feminino que avisa o Príncipe do Mal que o Príncipe da Paz está a chegar. Hórus, Krishna, Dioniso, Mitra, Buda, Jesus, entre outros, são a Criança Prometida, a esperança de renovação, ou redenção.

Esta luta da Luz contra a Sombra firmará a sua vitória nas Candelárias e, num primeiro momento, num período que vai de 24 de Dezembro a 20 de Janeiro, é a Bétula a árvore que governará a origem ou o começo da expulsão dos espíritos nefastos. Existe naturalmente, neste tempo solsticial, uma necessidade de purificação e esta assume as mais variadas formas.

No nordeste transmontano, a festa de Santo Estevão, entre os dias 24 e 26 de Dezembro, é uma festa de rapazes, onde os caretos, pela alvorada, fazem a sua chocalhada e, entre a folia e a tropelia, mostram como o jovem Rei Carvalho se inicia nessa luta da Luz contra Sombra. Estas festas trazem consigo reminiscências de ritos antigos e preservam no símbolo a memória.

A Saturnália, dedicada a Saturno, originalmente um deus agrícola romano, promovia uma inversão da ordem social, onde nobres faziam de escravos e escravos, de nobres. Na Saturnália, no início realizada a 17 de Dezembro (calendário juliano), mas que mais tarde se estendera até 23 de Dezembro, não se trabalhava, o que a par da folia remeteria para a Idade de Ouro, onde a humanidade viveria em paz e abundância. Ora Capricórnio e

Aquário são regidos tradicionalmente por Saturno e o planeta que astrólogos, estudantes de astrologia e curiosos conhecem pela sua austeridade não é bem o mesmo que é celebrado na Saturnália. O estudo da mitologia revela sempre os seus benefícios e esta inversão da ordem social é preciosa para o entendimento do Saturno astrológico.

Este regente natural do solstício de Inverno traz agora consigo um sentido profundo, pois até ao fim da estação transitará de Aquário para Peixes, ou seja, deixará o signo que rege para avançar para o signo regido por Júpiter e onde Vénus se exalta, passará também do masculino para o feminino. A chegada de Saturno a Peixes, a 7 de Março, é a grande mudança da estação, pois o ingresso de Plutão em Aquário e de Marte em Caranguejo já será na Primavera, a 23 e a 25 de Março.

Saturno em Peixes conserva, na verdade, o espírito da Saturnália, trazendo às estruturas humanas uma necessidade de renovação de valores, de inversão ou transformação da ordem social. A solidariedade, sobretudo à medida que Saturno se aproxima de Neptuno, trará consigo o poder da retribuição. A incapacidade social de trazer a empatia aos laços humanos pagará agora o peso da desmedida.

Por outro lado, é preciso referir ainda a retrogradação de Mercúrio, de 29 de Dezembro de 2022 a 18 de Janeiro de 2023, e a passagem de Úrano a directo a 22 de Janeiro. A permanência da maior parte dos astros nas suas posições conserva, de facto, o

simbolismo do Inverno, da chama que alimenta a lareira. No hemisfério sul, esta constância será como uma fogueira na praia, ao entardecer. No entanto, estas imagens não anulam nem os desafios, nem as oportunidades.

Estas mudanças no movimento, da actividade à potência e da potência à actividade, reafirmam a efectivação planetária ou a sua suspensão. Mercúrio retrógrado apontará a via do pensamento, já Úrano directo dará uma oportunidade ao espírito revolucionário que pode salvar o planeta. O movimento é possibilidade.

A luz, quando se espalha, tem o poder imenso de transformar a realidade e, num solstício de Inverno, quando a luz é uma pequena chama, guardada como um tesouro, esse valor surge reafirmado. Jámblico de Cálcis diz-nos, no *Dos Mistérios*, que “*Tal como quando o sol brilha, a escuridão, pela sua própria natureza, não é capaz de resistir à luz, e subitamente se torna totalmente invisível, retirando-se por completo para as suas brumas, e acabando por terminar, também quando o poder dos deuses, impregnando todos com os seus benefícios, resplandece em todas as direcções, o tumulto dos espíritos nefastos não tem lugar, e não se podem manifestar seja de que forma for, mas são afastados como nada ou não-ser, tendo uma natureza que de forma alguma se pode mover quando seres superiores estão presentes, ou que não é capaz de causar-lhes constrangimento quando eles brilham.*” (III, 12, traduzido a partir de *Iamblichus: De mysteriis*, ed. E. C. Clarke, J. M. Dillon & J. P. Hershbell. Atlanta, 2009: Society of Biblical Literature, 152-3). É preciso, hoje mais do nunca, guardar a luz que afasta as trevas e Júpiter em Carneiro pode fazer erguer a espada da

justiça, de um novo equilíbrio.

Dada a proximidade entre o Solstício (21 de Dezembro) e a Lua Nova (23 de Dezembro), a actual situação astrológica será abordada na reflexão da Lua Nova, pois a mensagem que persiste neste Solstício de Inverno é a de tornar vivo o fogo da esperança, a promessa do amanhã. Na escuridão, um pequena chama pode fazer a diferença e a humanidade precisa dessas centelhas.

(Página deixada propositadamente em branco)

9

Lua Nova



Lisboa, 10h17min, 23/12/2022

Sol - Lua

Decanato: Júpiter

Termos: Mercúrio

Monomoiria: Júpiter

Lua Nova: Capricórnio

A Lua Nova de Dezembro ocorre no signo de Capricórnio, com Aquário a marcar a hora para o tema de Lisboa e, deste modo, na XII, no Lugar do Mau Espírito (κακός δαίμων), no decanato de Júpiter, nos termos de Mercúrio e na *monomoiria* de Júpiter. A sizígia dá-se assim acima do horizonte e cerca de duas horas e vinte minutos após o nascer-do-sol. O Sol encontra-se pois favorecido por estar no seu próprio segmento de luz (αίρεσις) e acima do horizonte, já a Lua colhe as bênçãos de estar num signo feminino, no terceiro signo do elemento Terra, onde está adversa, longe de casa, no seu exílio.

Esta Lua Nova é particularmente significativa, não só por ser a última do ano de 2022, mas também por ser, para o referente espacial utilizado, ou seja, Lisboa, a única Lua Nova do corrente ano em que a sizígia é a luz mais alta. Existe, deste modo, um caminho ascendente que começa, sob o horizonte, com Saturno e sobe pelo céu até ao Sol e à Lua. A posição posterior de Vénus e Mercúrio torna-os estrelas da tarde, adquirindo então uma qualidade helíaca feminina. Esta via de luz possui igualmente um outro sentido profundo, uma vez que se estende por dois signos regidos por Saturno (Capricórnio e Aquário).

No *Thema Mundi*, e seguindo uma lição que podemos

encontrar nomeadamente no *mithraeum* das *Sette Sfere* em Óstia e no *De antro nympharum* (24) de Porfírio, esta região, regida por Saturno, opõe-se à região da Luz, regida pelo Sol (Leão) e pela Lua (Caranguejo). No entanto, o tema da Lua Nova é um espelho daquele em que se inscreve o *Thema Mundi*.

Os lugares de luz estão agora no ocaso e os de sombra ocupam agora a ascensão e a pós-ascensão. O carácter exacerbado de Saturno, nesta via actual, apresenta-se também de modo significativo sobretudo se pensarmos que, a partir do início de Março de 2023, mudará de signo, deixando para trás os seus domicílios e avançando para o lugar de Júpiter (Peixes).

É, porém, a dianteira desta via luminar que brilha agora alto no céu, caminhando como é próprio da sua natureza, e neste caso mais do que em qualquer outro, para a sua culminação. A união do Sol e da Lua em Capricórnio traz sempre consigo a ideia de fim, o τέλος grego, que se firma na posição diametral da origem, a ἀρχή. O eixo Caranguejo-Capricórnio leva-nos assim para essa ponte de sentido entre o abismo e o cume, entre a origem e o fim.

Seguindo a ideia deste novilúnio, Cícero, em *As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal*, diz-nos que “Ninguém contesta que a finalidade, o ponto de referência de todas as naturezas é o mesmo: o grau supremo daquilo que, para elas, é apetecível.” (De *Finibus Bonorum et Malorum*, Livro IV, XIII, 33 in Cícero, *Textos Filosóficos I*, 2ª ed., trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa, 2018: Fundação Calouste Gulbenkian, 433). A finalidade do bem, como propósito radical, surge agora com uma vontade

reforçada de efectivação, de conclusão.

Capricórnio apresenta a mensagem de Saturno com a sua própria luz, com o olhar melancólico da montanha. O ano de 2022 começou com uma Lua Nova em Capricórnio e termina agora com outra e já 2023 vai começar com uma Lua Nova em Aquário, o que reforça a continuidade deste sentido saturnino, desta ideia fundamental. Ora Saturno encerra na sua matriz conceptual a ideia de tempo, de necessidade e de destino e esta matriz, conjugada com a de Júpiter, ou seja, o espaço, o bem e a justiça, produz aquilo que se conhece como Providência e que, na verdade, é o Intelecto da *Anima Mundi*, a inteligência divina.

Proclo afirma, nos *Dez Problemas acerca da Providência*, que “*Embora a providência esteja situada acima de todos os seres de acordo com a sua divina união e exerça uma actividade adequada ao Uno, tudo o que a ela acede participa dela da forma que naturalmente é capaz.*” (Problema IV, 23.1-5, traduzido a partir *Proclus: Ten Problems Concerning Providence*, trad. J. Opsomer & C. Steel. Londres/ Nova Iorque, 2014: Bloomsbury, 87). Esta é a verdadeira razão segunda a qual o livre-arbítrio, tal como é simplisticamente entendido, é uma ilusão. Na planície da nossa existência, não se vislumbra a montanha. Por outro lado, a visão do cume, expressa por Capricórnio, revela-nos, com um entusiasmo inaugural, quase primitivo, que a Providência (Júpiter e Saturno) é como que a teia que une o intelecto humano ao Intelecto do Mundo, ao Uno, a Deus.

Em Capricórnio, encontramos, neste novilúnio, a Lua, o Sol,

Vénus, Mercúrio e Plutão. A luz, aqui reunida e concentrada, é como a visão divina da antiga Arcádia, tanto a mítica como aquela que descreve a região grega, narrada, por exemplo, por Pausânias na *Descrição da Grécia*. Este *stellium*, como hoje se designa, mas cujo termo não tem qualquer presença na Antiguidade, embora o sentido já se encontre na *Antologia* de Vétio Valente, surja agora como uma afirmação da Fortuna sobre a rudeza da terra agreste. É a luz que vence as intempéries e que, nas escarpas da montanha, resiste à tempestade. Com a co-presença de Plutão, existe também um imperativo do conhecimento da morte, isto é, torna-se necessário trazer para a vida a realidade esclarecida e transformadora da morte. A consciência do fim redefine a finalidade.

Os benéficos formam, porém, entre si um aspecto quadrangular, colocando assim em tensão Júpiter em Carneiro com todos os planetas que se encontram em Capricórnio. As quadraturas entre os benéficos, sobretudo sem a co-presença dos maléficos, colocam em suspensão a efectivação do bem ou, no mínimo, dificultam-na. A dádiva tende a não ser recebida, seja porque não se está predisposto a recebê-la, seja porque ela tarda a chegar. Porém, a pulsão de resistência que nasce da actual luz em Capricórnio permite alcançar essa dádiva e superar o hiato que suspende os benéficos. O facto de Júpiter estar favorecido pelo Segmento de Luz do Sol, embora abaixo do horizonte, contribui também para essa superação. O Amor (Vénus) e a Palavra

(Mercúrio) neste signo de montanha são como que a luz no caminho, o guia que aparece quando a noite a cai.

De um outro modo, o eixo do Dragão da Lua separa significativamente, e de forma inversa ao eixo de culminação, os hemisférios oriental e ocidental, unindo-se com benevolência à sizígia e aos seus lanceiros. Se exceptuarmos Úrano que se encontra no mesmo signo e junto à *Caput Draconis*, então Marte é para o tema em análise o único planeta no hemisfério ocidental. Pode parecer simples e redutor, mas a proposta do novilúnio acentua a superação do eu como conhecimento e coloca o conflito no lugar do outro, na impossibilidade de conhecer o outro sem um salto de fé, o que não existe com Marte em Gémeos. Este cinge o argumento ou o discurso que medeia, tornando-o hostil.

Esta posição, perante o facto de Marte ser, nesta Lua Nova, o maléfico com a força mais desvantajosa, pois Saturno está favorecido, promove a cisão de uma dualidade cooperante e harmoniosa, ou seja, não existe qualquer proposta de unidade gnoseológica que não seja aquela que se encontra no si mesmo. O sextil de Marte a Júpiter, o trígono a Saturno e a quadratura a Neptuno traduzem essa negação. Contrariamente, o sextil de Júpiter em Carneiro a Saturno em Aquário coloca o peso da justiça sobre a necessidade, sobre a retribuição.

A união da sizígia e dos seus lanceiros, em trígono, a Úrano e, em sextil, a Neptuno, sendo Plutão um dos lanceiros, transfere a luz do Novilúnio da montanha da consciência, onde a melancolia

proactiva de Capricórnio habita, para a dimensão social. Nesta Lua Nova, estes aspectos, a par da quadratura de Saturno em Aquário a

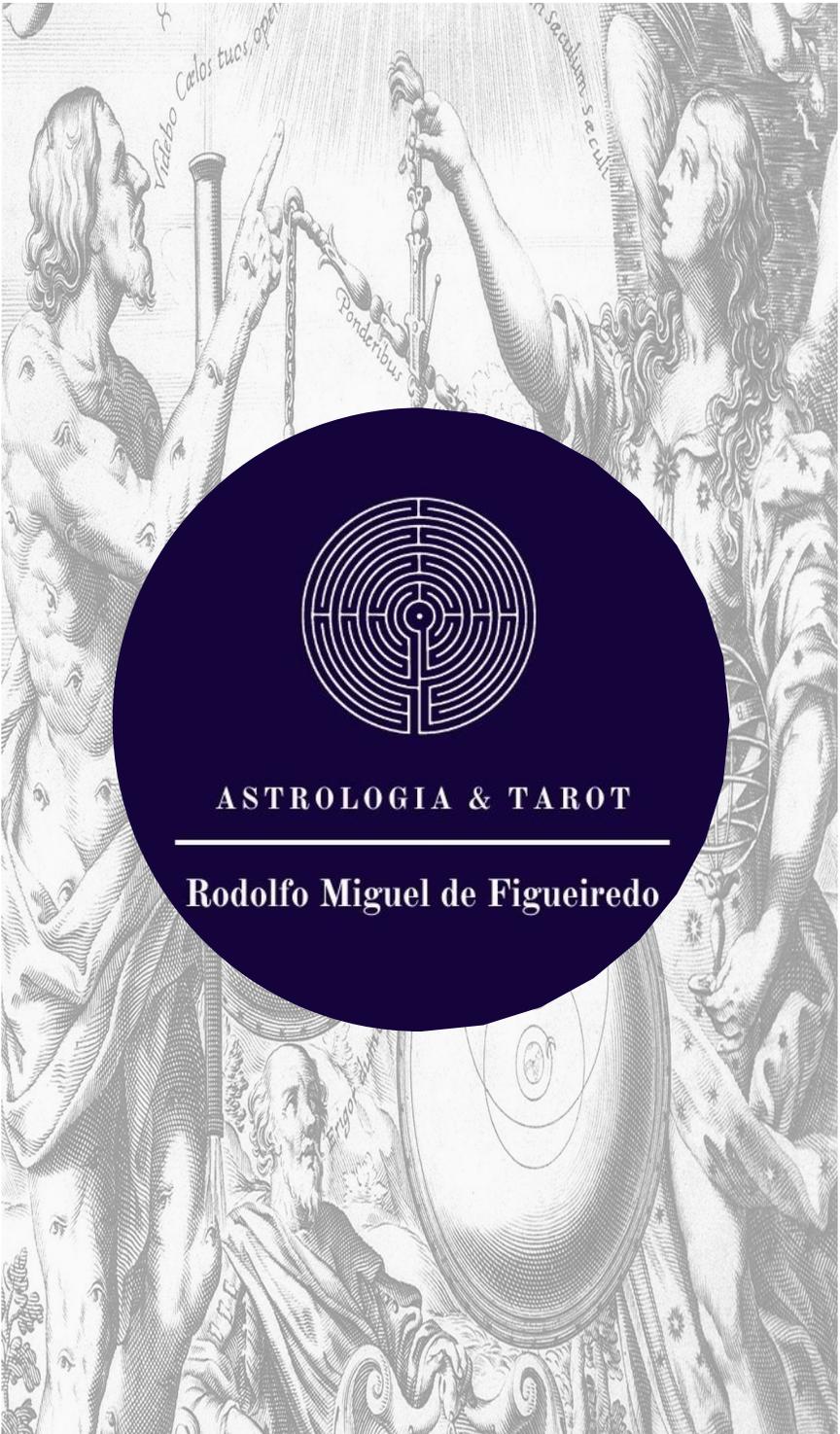
A união da sizígia e dos seus lanceiros, em trígono, a Úrano e, em sextil, a Neptuno, sendo Plutão um dos lanceiros, transfere a luz do Novilúnio da montanha da consciência, onde a melancolia proactiva de Capricórnio habita, para a dimensão social. Nesta Lua Nova, estes aspectos, a par da quadratura de Saturno em Aquário a Úrano em Touro (o signo que receberá Júpiter em 2023), pedem, e nalguns casos exigem, a construção ou reconstrução das estruturas humanas.

Porém, essa via assenta num binómio perigoso, pois essa necessidade estruturante pode não ser construída sobre os pilares da democracia, da igualdade e da liberdade, nem da solidariedade, da compaixão ou da fraternidade. Os novos totalitarismos estão à espreita, pois como diz a canção “Vampiros” de Zeca Afonso: *“No céu cinzento sob o astro mudo/ Batendo as asas pela noite calada/ Vêm em bandos com pés de veludo/ Chupar o sangue fresco da manada”*. A extrema-direita e o populismo, tal como nos anos 30 do século passado, podem minar a esperança e o melhor da humanidade e como sempre a escolha é nossa.

A mensagem desta Lua Nova, a última de 2022, reafirma o mito de Capricórnio, da cabra-pan (Αιγίπαν), aquela cujo corno gerou a Cornucópia da Abundância e que foi a única, quando todos os deuses fugiram, deixando Zeus/Júpiter à mercê de Tífon, que ajudou o senhor do Olimpo (Rodolfo Miguel de Figueiredo,

Fragmentos Astrológicos, 2021: 153-4). Este é um tempo em que a luz exorta a raridade e clama pela excelência.

(Página deixada propositadamente em branco)



ASTROLOGIA & TAROT

Rodolfo Miguel de Figueiredo

(Página deixada propositadamente em branco)

CONSULTAS PROFISSIONAIS

Consultas de Astrologia e Tarot

Vinte Anos de Experiência a Orientar e a Aconselhar

Especialização:

Astrologia Antiga

Astrologia Hermética

Astrologia Mitológica

Consultadoria Astrológica para Empresas

Mais de Dez Anos de Experiência como Consultor

Vídeo-consultas

Telefone e Videochamada

(Skype, Google Meet ou Zoom)

Uma Consulta Profissional para Qualquer Parte do Mundo.

Para mais informações ou para agendar uma consulta,
utilize um dos seguintes links ou o QR Code:

<https://rodolfomfigueiredo.wixsite.com/astrologia-e-tarot>

<http://rodolfomigueldefigueiredo.blogspot.com/>

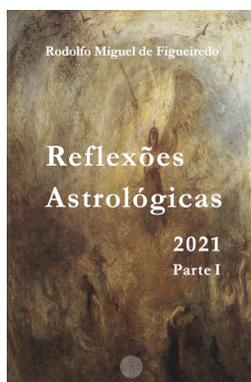
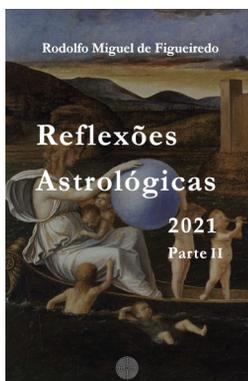
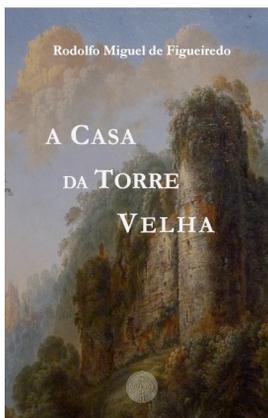
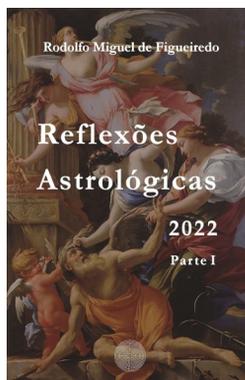
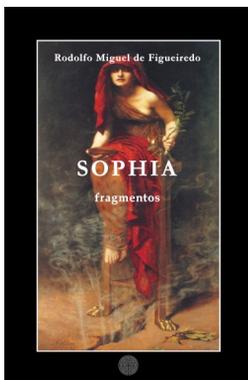




LIVROS

Rodolfo Miguel de Figueiredo

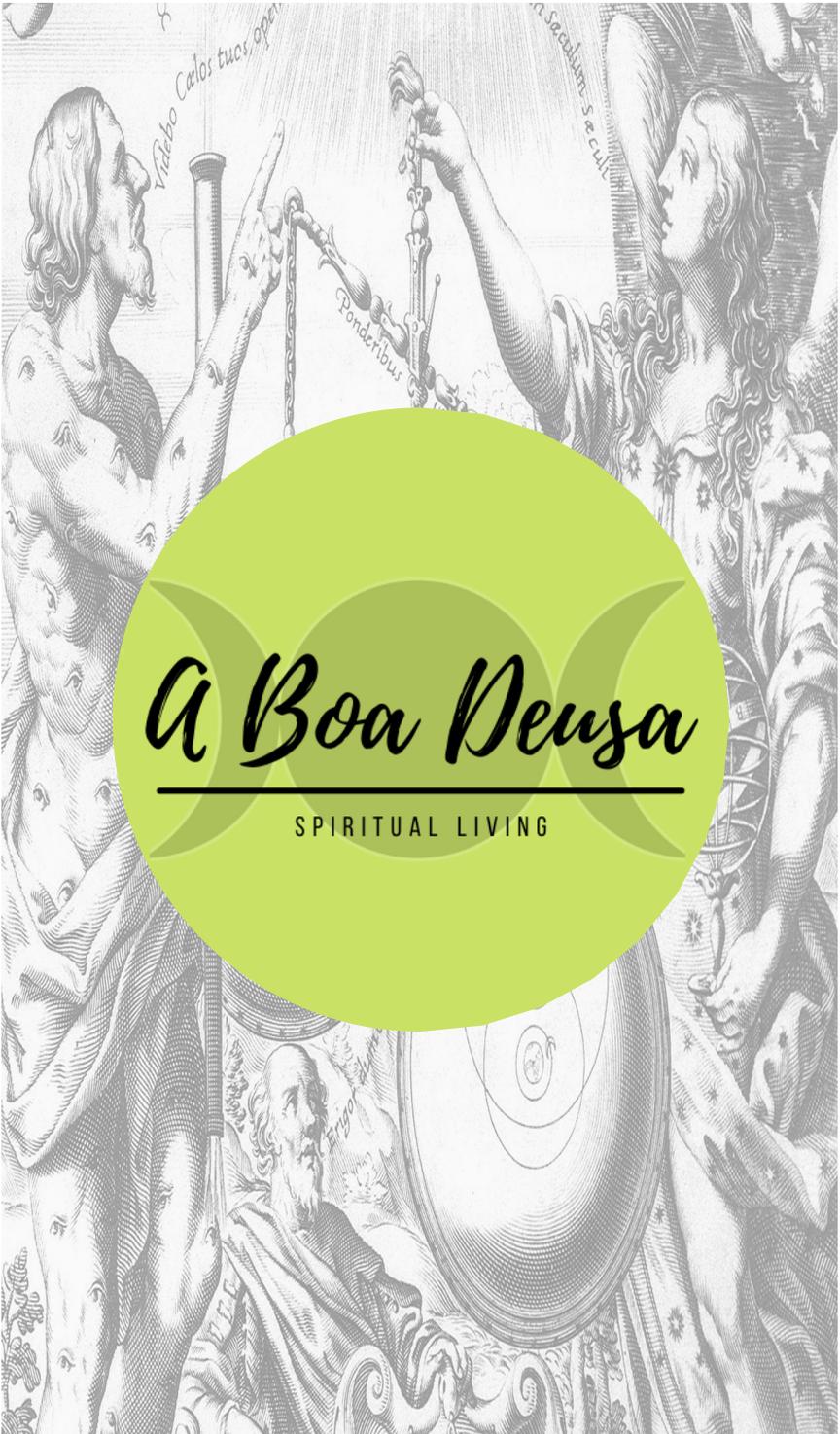
(Página deixada propositadamente em branco)



Para mais informações acerca deste e de outros livros
ou para saber como encomendar,
utilize o seguinte link ou o QR Code:

<https://rodolfomfigueiredo.wixsite.com/livros>





A Boa Deusã

SPIRITUAL LIVING

(Página deixada propositadamente em branco)



PODCAST
A Boa Deusa

A Boa Deusa

SPIRITUAL LIVING

<http://aboadeusa.blogspot.com/>



Oiça, no Podcast A Boa Deusa,
algumas das reflexões astrológicas incluídas neste livro.

Para ouvir, visite a página do podcast no Anchor,
ou outras plataformas como o Spotify ou o iTunes.

Utilize o seguinte link ou o QR Code:

<https://anchor.fm/a-boa-deusa>



(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)



Obras do Autor:

Reflexões Astrológicas 2021: Parte I

Reflexões Astrológicas 2021: Parte II

Reflexões Astrológicas 2022: Parte I

Fragmentos Astrológicos

O Resto Permanece Humano: Livro I
(Poesia)

Esta Noite Sonhei com Dante e outras
histórias (Contos)

A Casa da Torre Velha (Romance)

Sophia: fragmentos (Poesia)



Astrologia